



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**CHRISTIAN DE CARVALHO MORAIS**

**LITERATURA CLÁSSICA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA**  
***ENEIDA DE VIRGÍLIO* APLICÁVEL AO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2022**

**CHRISTIAN DE CARVALHO MORAIS**

**LITERATURA CLÁSSICA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA  
*ENEIDA DE VIRGÍLIO* APLICÁVEL AO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientador:** Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

**CAJAZEIRAS – PB**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

M827a	<p>Morais, Christian de Carvalho.</p> <p>Uma adaptação da epopeia Eneida de Virgílio para o 2º ano do ensino médio: uma proposta de sequência básica / Christian de Carvalho Moraes. - Cajazeiras, 2022.</p> <p>58f. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.</p> <p>1. Análise literária. 2. Literatura clássica. 3. Eneida. 4. Epopéia homérica. 5. Virgílio. 6. Sequência didática. 7. Enéias. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p> <p>CDU - 82.09</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

**CHRISTIAN DE CARVALHO MORAIS**

**LITERATURA CLÁSSICA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA  
*ENEIDA DE VIRGÍLIO* APLICÁVEL AO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Aprovado em: 26/08/2022**

**Banca Examinadora:**



---

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hérica Paiva Pereira  
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)**



---

**Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)**

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que sempre me deu força e coragem para estudar. Que me permitiu chegar até onde cheguei, onde eu mesmo não imaginaria que alcançaria. Obrigado, meu amado Deus, por ser tão incrível e maravilhoso em minha vida, e por nunca ter soltado a minha mão, principalmente nos piores momentos da minha vida como universitário.

Aos meus pais Elson Morais e Joselita de Carvalho Morais por sempre me incentivarem a estudar e a seguir o caminho certo. Por todos os conselhos e puxões de orelhas. O meu muito obrigado!

Aos meus irmãos, em específico, o meu irmão mais novo Klyvert de Carvalho Morais, pela companhia, conselhos e ajuda. Obrigado mesmo!

Aos meus familiares no geral, que sempre me apoiaram em tudo no que eu me propus a fazer, em específico, aos meus tios Alenira Morais e Donato Ferreira, que desde sempre me incentivaram nos estudos e por se orgulharem demais da minha pessoa. As minhas primas Andressa Alves, Joelma Alves, Joyce Alves por sempre acreditarem no meu potencial e por sempre mostrarem que o melhor caminho para trilhar na vida é o estudo.

Ao professor da cadeira de Literatura Clássica, Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, e que foi o incentivador para que eu pesquisasse mais ainda sobre esse tema e fazer esse resguardo na literatura.

Ao querido orientador, Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, ao qual sou extremamente agradecido por todas as contribuições, orientações e paciência comigo. O meu muito obrigado, Abdoral, por ser essa pessoa incrível que o senhor é. Que o senhor Deus esteja te abençoando, sempre, infinitamente!

A todos os meus professores e professoras da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) e do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) por formar excelentes docentes.

Aos meus colegas da turma de Letras – Língua Portuguesa (2018.1) por todos os momentos compartilhados durante todo esse percurso, com muitos aprendizados e alegrias. O meu muito obrigado e desejo muito sucesso a todos vocês!

E aos meus amigos, amigos que fiz e quero levar para a vida toda, Vanessa Rodrigues, Karina Marcelino, Maria Jayline, Francisco Diassis, Gicelio Ribeiro e Ronaldo Lima, obrigado por todo esse percurso e companheirismo e que nos meus piores momentos na graduação, vocês estiveram comigo, me dando todo apoio e suporte. O meu muitíssimo obrigado a todos vocês! Vocês são incríveis!! Que nossa amizade possa ser eterna!

Por fim, agradeço a mim mesmo por nunca ter desistido, por mais difícil que foi, mas por persistir até o fim. Primeiramente, ao meu Deus e as minhas grandes amigas Vanessa Rodrigues, Karina Marcelino e Maria Jayline.

## RESUMO

A literatura clássica ocidental tem como referência fundamental a Grécia, especialmente, nas epopeias homéricas. A partir dessa perspectiva foi desenvolvida a presente pesquisa, que tem como objetivo geral analisar a figura do épico através das epopeias homéricas. Para alcançarmos esses objetivos, elencamos como objetivos específicos estudar as principais características das epopeias homéricas; apresentar, a partir da adaptação da *Eneida* de Virgílio as referências às epopeias homéricas; propor uma sequência didática para o 2º ano do ensino médio. Desse modo, estudar a literatura é importante, visto que compreender a nossa cultura é fundamental, por exemplo, como o poeta Virgílio utilizou as epopeias homéricas para enaltecer a fundação de Roma. A pesquisa está ancorada nos aportes teóricos que foram essenciais para a elaboração desse trabalho, a saber Kothe (1987) que aborda sobre os heróis clássicos; Staiger (1975) que salienta sobre a poesia épica, que tinha como forma de divulgação os grandes feitos heroicos; Calvino (1993), que demonstra para nós a verdadeira finalidade dos estudos clássicos, da epopeia e da excelência e gramatura de saberes para nossa formação como leitores e cidadãos; Mafra (2010) vai explicitar sobre as duas grandes epopeias da literatura grega, a *Iliada* e *Odisseia* de Homero, que são a cristalização dos cantos com o intuito de agregá-las ainda mais; e por fim, a *Eneida* de Virgílio nas traduções de Carlos Alberto Nunes (2016) e Tassilo Orpheu Spalding (1999), ambas com características próprias, enquanto a de Nunes (2016) segue os cantos em versos, a de Spalding (1999) em prosa, e pôr fim a adaptação da *Eneida* de Miécio Táti (1998) também em prosa. Quanto ao tipo de pesquisa é de natureza exploratório-descritivo e/ou explicativa, isso porque será feita uma análise da obra adaptada. E por fim, como resultados desta pesquisa, foi produzida uma Sequência Didática para que futuros professores e/ou universitários possam utilizar como ferramenta de incentivo à leitura das obras clássicas.

**Palavras-chave:** Literatura Clássica. *Eneida*. Virgílio. Enéias. Sequência Didática.

## ABSTRACT

Classical Western literature has Greece as its fundamental reference, especially in the Homeric epics. From this perspective, the present research was developed, whose general objective is to analyze the figure of the epic through the Homeric epics. To achieve these objectives, we list as specific objectives to study the main characteristics of the Homeric epics; to present, from the adaptation of Virgil's Aeneid, references to Homeric epics; propose a didactic sequence for the 2nd year of high school. In this way, studying literature is important, since understanding our culture is fundamental, for example, as the poet Virgil used the Homeric epics to praise the foundation of Rome. The research is anchored in the theoretical contributions that were essential for the elaboration of this work, namely Kothe (1987) that deals with the classic heroes; Staiger (1975) who emphasizes epic poetry, which had great heroic deeds as a form of dissemination; Calvino (1993), which demonstrates to us the true purpose of classical studies, epic and the excellence and grammar of knowledge for our formation as readers and citizens; Mafra (2010) will explain about the two great epics of Greek literature, Homer's Iliad and Odyssey, which are the crystallization of songs in order to add them even more; and finally, Virgílio's Aeneid in the translations of Carlos Alberto Nunes (2016) and Tassilo Orpheu Spalding (1999), both with their own characteristics, while Nunes's (2016) follows the cantos in verses, Spalding's (1999) in prose, and put an end to the adaptation of Miécio Táci's Aeneid (1998) also in prose. As for the type of research, it is exploratory-descriptive and/or explanatory, because an analysis of the adapted work will be carried out. And finally, as a result of this research, a Didactic Sequence was produced so that future teachers and/or university students can use it as a tool to encourage the reading of classic works.

**Keywords:** Classic Literature. Aeneid. Virgil. Aeneas. Following teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Mapa do Percurso de Enéias em alto mar.....	34
Quadro 1	- Delimitação da Sequência básica .....	47
Quadro 2	- 1º Momento: Motivação .....	48
Quadro 3	- 2º Momento: Introdução .....	49
Quadro 4	- 3º Momento: Leitura.....	50
Quadro 5	- 4º Momento: Intepretação.....	51
Quadro 6	- Avaliação .....	52

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CFP - Centro de Formação de Professores
- LC - Literatura Clássica
- LL - Língua Latina
- LP - Língua Portuguesa
- PB - Paraíba
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 O HERÓI ÉPICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 O HERÓI(S) HOMÉRICO(S) .....	14
2.2 AS EPOPEIAS HOMÉRICAS (ILÍADA E ODISSEIA) .....	16
2.3 A IMPORTÂNCIA DAS EPOPEIAS HOMÉRICAS: ENEIAS UM HERÓI HOMÉRICO .....	20
<b>3 A ESTRUTURA DA ENEIDA DE VÍRGÍLIO .....</b>	<b>26</b>
3.1 SEIS PRIMEIROS CANTOS – ODISSEIA .....	26
3.2 SEIS ÚLTIMOS CANTOS – ILÍADA.....	28
3.3 O HERÓI ENEIAS.....	32
<b>4 ENEIDA: UMA ADAPTAÇÃO DE MIÉCIO TÁTI PARA O ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>35</b>
4.1 SEQUÊNCIA DA ADAPTAÇÃO .....	35
4.2 OS FUNDAMENTOS DA SEQUÊNCIA BÁSICA DE RILDO COSSON .....	45
4.3 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA COM A OBRA ENEIDA DE VIRGÍLIO: LENDO LITERATURA CLÁSSICA EM SALA DE AULA .....	47
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No ensino de literatura nas escolas, ainda é nítido o estudo da historiografia, das características das escolas literárias, em uma abordagem cronológica, bem como seus principais autores e suas obras. Segundo Antunes (2014), esse processo de aprendizagem ainda se baseia na transmissão de repetições e conteúdos fragmentados, por isso esse ensino ‘tradicional’, muitas vezes, não desperta o interesse dos discentes para a leitura. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz orientações para que o ensino de literatura aconteça de forma mais contextualizada e não seja restrita e fragmentada sem considerar aspectos relevantes do texto literário, tornando assim, o ensino tradicional e burocrático.

Assim, muitas vezes, o livro didático é utilizado como forma de regulamentar uma leitura mecânica, reduzindo as múltiplas possibilidades de reflexões e discussões acerca de determinada temática ou obra. Por conseguinte, a literatura no ensino médio precisa ser trabalhada de forma que os alunos não tenham apenas o contato com variados livros, autores e trechos das obras, mas possam refletir de maneira crítica e formativa a partir dos textos literários, a fim de levá-los a compreender a forma como os textos estabelecem relação com as mais variadas situações sociais e individuais.

Para romper com o ensino **tradicional** de literatura, é preciso formar o aluno como leitor, capaz de produzir sentidos, tornando o estudante uma pessoa letrada, capaz, não somente, de ler determinado texto, mas também de se apropriar da literatura como linguagem, como forma de entender a sociedade e formar sua visão de mundo.

Nessa perspectiva, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) analisará a construção da narrativa a partir do mito de Enéias, na obra *Eneida*, de Virgílio, observando suas contribuições para a compreensão da literatura clássica (LC) e, por sua vez, para a formação do leitor crítico. Um ponto de destaque é a questão do heroísmo presente na obra, bem como o papel dos mitos para a construção da narrativa. Por este viés, essa pesquisa propõe uma sequência básica para a análise do mito de Enéias na narrativa, para alunos do 2º ano do ensino médio. Para este alcance, esta pesquisa tem como peça central, analisar a figura do herói épico através das epopeias homéricas. Para alcançarmos esses objetivos, elencamos como objetivos específicos estudar as principais características das epopeias homéricas; apresentar, a partir da adaptação da *Eneida* de Virgílio as referências às epopeias homéricas; propor uma sequência didática para o 2º ano do ensino médio.

Desse modo, a escolha de trabalhar com os clássicos, em específico com a *Eneida* de Virgílio, partiu de uma experiência própria, durante às aulas de LC, ofertada pelo curso de

Letras – Língua Portuguesa (LP), no 5º período. A partir desse contato, surgiu o interesse em pesquisar mais sobre essa obra tão rica em conhecimento, mas ainda tão pouco trabalhada no ensino. Com o auxílio de uma adaptação do autor Miécio Tati (1988), encontrada na biblioteca da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, fez com que me interessasse em prolongar a pesquisa, voltada para o ensino médio, em específico, com a turma do 2º ano. A paixão pela obra e pela temática surge após o professor da disciplina de LC, fazer a divisão das obras, para cada dupla, com apresentações de seminários e eu fiquei encarregado com a socialização dessa obra para os demais da turma. Dessa forma, surgiu a ideia de elaborar uma sequência básica que contribua com o ensino de LC, para que professores atuantes e em formação possam apresentar aos estudantes a obra a *Eneida* de Virgílio para o Ensino Médio, e que possa proporcionar muitos aprendizados, habilidades leitoras e conhecimentos históricos.

Esse trabalho tem como principais aportes teóricos, o tradutor Carlos Alberto Nunes (2016), que traz uma obra completa e bem explicativa sobre a *Eneida* de Virgílio, ele segue a obra original, por meio dos versos hexâmetros, mas com as traduções ao lado, sendo a escrita original e a escrita traduzida logo ao lado. Utilizamos Tassilo Orpheu Spalding (1999) que traz uma tradução em prosa para que o leitor ou leitora não tenham dificuldade com a leitura e escrita, tornando assim, uma leitura mais linear. Por último, utilizamos a adaptação para o público infantil, com a finalidade de despertar o interesse dos jovens leitores do ensino básico, que é a adaptação de Miécio Tati (1998). E por fim, utilizamos Kothe (1987), Staiger (1975), Calvino (1993) e entre outros pesquisadores.

Este trabalho consiste em analisar o mito literário de Enéias na *Eneida* de Virgílio, buscando, através da obra, abrir percursos e caminhos para que as mitologias, na literatura clássica, sejam mais exploradas. Com isso, essa pesquisa se dá, justamente, por essa literatura ser quase apagada dentro da disciplina de LP, assim, propomos estratégias para que ela saia desse apagamento e se torne mais acessível e estudada de maneira contextualizada nas escolas.

Quanto ao tipo de pesquisa, é de natureza exploratório-descritivo e/ou explicativa, isso porque será feita uma análise da *Eneida* de Virgílio, buscando, assim, mostrar e analisar o percurso heroico de Enéias na adaptação. Mediante o exposto, de acordo com Gil (2002), sobre o delineamento dessa pesquisa através do procedimento técnico para coleta e análise de dados, utilizou-se a pesquisa de cunho bibliográfico.

De acordo com Gil (2002), é usual a classificação das pesquisas em três grandes grupos, com base em seus objetivos gerais: exploratórias, descritivas e explicativas. Esta pesquisa é exploratória, pois busca proporcionar maior familiaridade com o problema abordado, pois: “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com

vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41).

O trabalho está dividido nas seguintes partes: primeiro capítulo trata sobre *Introdução*, apresentando a temática, justificativa, objetivos, o tipo de pesquisa e metodologia. O Segundo capítulo trata sobre o herói épico - o herói(s) homérico(s) – destacando sobre os heróis presentes nas obras de Homero, sendo a *Iliada* e *Odisseia*, as duas maiores epopeias gregas. Dessa forma, surge Enéias, jovem herói, presente na *Eneida* de Virgílio, em que enaltece a fundação de Roma, nesse sentido a obra virgiliana constitui a “Santíssima Trindade” da LC, visto que a *Eneida* tem como referência a *Iliada* e *Odisseia*, as duas obras homéricas, por isso justifica-se o conceito de trilogia da LC.

O terceiro capítulo trata sobre as epopeias homéricas (*Iliada* e *Odisseia*), em que será mostrado um paralelo entre as duas epopeias homéricas com a *Eneida* de Virgílio, mostrando através de alguns teóricos, o porquê da obra de Virgílio ser uma obra homérica e fazer parte das duas maiores epopeias de Homero. Desse modo, a primeira parte da Eneida (seis primeiros cantos) narram eventos similares à *Odisseia*, a viagem do Odisseu em alto mar, e os seis últimos cantos narram eventos similares à *Iliada*, sobre os últimos dias da guerra de Troia em que o herói Aquiles é o principal herói e graças a ele os gregos saem vitoriosos, embora no final ele morre.

No quarto capítulo discorremos sobre os heróis homéricos e que Enéias é um herói grego, , apontamos alguns momentos nos quais Enéias configura-se como herói grego presente nas epopeias de Homero, mesmo a *Eneida* sendo de Virgílio, ela exala muitos traços e semelhanças das epopeias homéricas. Assim, nas duas obras de Homero estão os heróis Aquiles, presente na *Iliada*, e o Odisseu, presente na *Odisseia*. Já na Eneida, temos Eneas como herói principal, pois mostra o seu momento em alto mar e em terra para conseguir fundar uma nova nação para seu povo.

No quinto capítulo, analisamos a adaptação da Eneida de Virgílio para o público infantil, e propomos uma sequência básica, a fim de contribuir para a efetivação da LC em turmas do 2º ano do ensino médio, por fim apresentamos as considerações finais em que apresentamos os resultados de nossa pesquisa.

## 2 O HERÓI ÉPICO

### 2.1 O HERÓI(S) HOMÉRICO(S)

O herói épico homérico busca a sua imortalidade por meio de suas conquistas, não somente por se tratar de uma permanência física, mas sim, por deixar registrado todos os seus atos heroicos para a posteridade. Esse arquétipo heroico, visa reconhecer as limitações da vida humana, buscando assim, uma passagem pelo mundo de forma gloriosa e venerada, realizando ações pelo mundo que ecoem ao longo do tempo. Sendo assim, o herói, segundo descreve a épica, em especial a homérica, perpetua-se justamente através de seus feitos e ações que fazem com que ele passe a ser glorificado e assim alcance/garanta a sua permanência nas futuras gerações, por meio das ações e garantias de como a vida e a morte são encaradas, através de seus feitos grandiosos.

Antes de tudo é muito importante esclarecermos um pouco sobre o “herói”, que teve esse nome batizado por distinção honorífica, que são dados àqueles pertencentes aos altos estratos da sociedade grega, ou seja, o herói é aquele que pratica uma ação para defender a vida do seu povo. Na *Eneida*, Enéias é um herói clássico que luta pela sobrevivência do seu povo, pois mesmo Troia tendo sido atacada e destruída pelos gregos, por vontade dos deuses, mesmo assim ele saindo da cidade é considerado um herói épico. Nesse sentido, Kothhe (1987, p. 12) afirma que “os heróis clássicos são heróis da classe alta, que procuram demonstrar a ‘classe’ dessa classe.” Sendo assim, esses heróis são da alta classe social, aristocracia, eram reis, que defendiam o seu povo com muita garra, coragem e valor.

As grandes obras homéricas, *Iliada*, *Odisseia* da Grécia Antiga e também a *Eneida* posterior relacionada à fundação de Roma, vêm para formar a “santíssima Trindade” da LC ocidental, as três obras destacam o grandioso valor da figura do herói épico dentro do cenário que cada um constitui em seu determinado espaço de tempo. Nesse sentido, *Iliada* e *Odisseia*, escritas por Homero, são consideradas grandiosas obras clássicas, foram escritas aproximadamente entre os séculos IX e VIII a.C. no período arcaico, fazem referência a um acontecimento do século XII a.C. que foi a Guerra de Troia. Com isso, Homero abre espaço para que oito séculos depois Virgílio pudesse escrever a *Eneida*, utilizando como modelo as epopeias homéricas, como será abordado no capítulo sobre a epopeia virgiliana.

Os heróis épicos tinham ascendência divina, no caso de Enéias era filho da deusa Afrodite e do mortal Anquises. Podemos acrescentar como exemplo o herói grego Aquiles,

filho do mortal Peleu e da deusa Tétis, considerado o maior herói grego na guerra de Tróia, sendo protagonista e considerado o maior guerreiro da *Iliada*, de Homero. Outro modelo de herói épico é Hércules, conhecido por sua força e bravura, filho de Zeus (deus do raio) e de Alcmena, uma mortal. O herói depois de realizar doze trabalhos, morre incendiado em uma pira, e depois é imortalizado por Zeus. Após referimo-nos brevemente aos modelos de heróis épicos, discorreremos sobre Enéias como herói épico, por isso tinha a força guerreira, coragem, em virtude de sua ascendência divina, visto que seu pai Anquises, era mortal, e sua mãe a Deusa Afrodite. Esses atributos do herói foram importantes para que cumprisse a missão de chegar a uma terra distante e desconhecida e fundar a nova Troia.

Com a descida de Enéias ao mundo dos mortos, para encontrar o seu pai Anquises, o troiano tem a confirmação de cumprir sua missão, isso também é uma característica do herói épico, como aconteceu, por exemplo com Odisseu. Sendo assim, os heróis tinham características próprias, uns com dom da esperteza, sabedoria e outros com o dom da força, da fúria, e isso se dava justamente por causa dessa filiação divina eram capazes de realizar grandes feitos.

Nessa perspectiva, Staiger (1975) salienta que a poesia épica era forma de divulgar os grandes feitos heroicos, e por isso era composta em versos hexâmetros, pois esse ritmo facilitava muito a memorização de quem estivesse cantando ou ouvindo essas narrativas. E essa poesia exprime uma ação grandiosa e heroica, que era a forma de divulgar os grandes feitos heroicos.

Ainda, segundo Staiger (1975, p. 52):

O verdadeiro princípio da composição épica é a simples adição. Em pequena ou em grande escala justapõe-se trechos independentes. A adição prossegue sempre. Teria fim somente se fosse possível percorrer todo o orbis terrarum e enfim tornar presente tudo que está ou que estava em alguma parte.

Com isso, o autor mostra que isso se dava justamente por causa da tradição oral desses poemas, que somente depois de alguns séculos foram transpostos para a escrita. Desse modo, a forma da composição épica em versos facilitava a manutenção do texto na oralidade o que não significa que houvesse possíveis adições, modificações fossem em pequenas ou grande escalas, não importa a sua escala, entretanto o importante é que os feitos heroicos foram transmitidos de geração em geração.

Nessa perspectiva, segundo Kothe (1987), a epopeia é uma narrativa metrificada em que as ações do herói épico são predominantes, entretanto é relevante acrescentar que há outros

elementos que entram na composição dos poemas épicos, como por exemplo, as intervenções dos deuses, as viagens empreendidas pelos heróis para cumprirem uma missão. Ademais, os poemas épicos também tinham uma função pedagógica e por isso eram referências de certos valores para sociedade da época, como exemplo, o temor aos deuses.

Ainda nesse viés, Calvino (1993) destaca que a epopeia dispõe de excelência e gramatura de saberes para a nossa formação como leitores e cidadãos, para uma sociedade melhor, justa e igualitária, para isso elenca a grande importância de conhecê-los e deixa explícito que esses aspectos sempre nos trazem algo de novo, marcante, e assim por mais que passe o tempo ao longo das gerações, os clássicos estarão sempre a nos instruir com seus ensinamentos e pela maneira que aborda diversos aspectos da vida. Nesse sentido o autor enfatiza que

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (CALVINO, 1993, p. 12).

Assim, estudar os clássicos, nos dias de hoje, ainda é muito importante, visto que podemos fazer descobertas novas neles, descobertas essas que nós já sabíamos ou até mesmo acreditávamos saber. Entretanto, a cada leitura que fazemos, é possível que aprendamos mais e mais; por isso os clássicos são marcantes e atemporais. Assim sendo, os clássicos estão presentes desde sempre, mesmo que não tenhamos lido ainda ou tomado conhecimento sobre sua existência, mas é possível que por meio dos saberes orais das gerações, possamos ter ouvido falar sobre algum clássico de algum de nossos antepassados, como mitos e narrativas inspiradas, a partir de algum fato e/ou acontecimento que nos remetem a esses eventos míticos.

## 2.2 AS EPOPEIAS HOMÉRICAS (ILÍADA E ODISSEIA)

Nas duas epopeias homéricas há um herói principal presente, sendo que cada uma apresenta características próprias, em relação à temática. Aquiles é um dos principais heróis da *Iliada*. Ulisses, o Odisseu, é o principal herói da *Odisseia*, o poema narra o retorno do herói depois da guerra de Troia que faz uma longa viagem até Ítaca. Durante esse périplo enfrenta muitos obstáculos, mas consegue superá-los e chegar ao destino final.

Homero foi um grande poeta, autor de duas epopeias do mundo ocidental, atribuídas a ele, a saber a *Iliada* e *Odisseia*, duas obras que são estudadas e pesquisadas até os dias de hoje, visto que elas trazem muitas informações sobre a sociedade grega da época. Sendo assim, Homero narra nas duas epopeias a história das aventuras dos seus personagens heroicos e as suas relações com os deuses, nas quais se consolidaram as bases culturais dos gregos antigos, sendo que a *Iliada* (narra a fúria do herói Aquiles e suas consequências trágicas durante a Guerra de Troia) e a *Odisseia* (narra o retorno de Odisseu, rei de Ítaca, após a guerra).

Sobre o poeta, há dúvidas sobre onde nasceu e viveu, sendo aceitável que ele viveu na região da Jônia, que está localizada no Egeu Oriental, entretanto sua verdadeira identidade ainda continua sendo um grande mistério. Carpeaux (2012, p. 30), salienta que “a maior parte dessas epopeias e poemas estava ligada, de qualquer maneira, ao nome de um poeta lendário; nome que se encontra até hoje nas folhas de rosto das nossas edições, [...] o nome de Homero”. Com isso, o poeta Homero se tornou a referência de autoria das duas epopeias, ainda que não seja possível atribuir-lhe essa autoria.

A respeito dos poemas homéricos *Iliada* e *Odisseia* foram rapsodos, possivelmente, que declamavam esses poemas oralmente e Homero poderia ser também um deles, no entanto, a escrita desses poemas é atribuída a ele. Homero deixa sua marca registrada na história da Grécia antiga, além de ser fonte de conhecimento da cultura desse povo. Nesse sentido, a história da fundação do império romano está dentro desse contexto épico.

No que se refere à importância de Homero, Mafra (2010, p. 106) ressalta que “a literatura grega começa com as duas grandes epopeias de Homero, a *Iliada* e a *Odisseia*, que, como produtos finais, são a cristalização de cantos [...]”. Seguindo nessas palavras do autor, é notório como Homero vem e marca a literatura grega (clássica) com as duas obras, mostrando assim, a história e trajetória épicas desse tipo de herói, com o intuito de agregar e valorizar a Grécia. E é seguindo nessas perspectivas que Virgílio escreve a *Eneida*, para completar a “Santíssima Trindade” da literatura grega, mostrando assim, que a obra virgiliana, encomendada pelo imperador Augusto, é sem sombras de dúvidas, uma obra Homérica. É exatamente na *Eneida* que Virgílio narra como aconteceu a construção do cavalo de madeira que foi dado pelos gregos aos troianos como um presente, como reconhecimento da derrota, entretanto era uma armadilha, haja vista que dentro do invólucro havia muitos soldados gregos e é aí que começa de fato a vitória dos gregos e a derrota inevitável dos troianos.

Assim como *Odisséia* é a continuação da *Iliada* enquanto narrativa de episódios ocorridos depois da guerra, isto é, durante o regresso de um grupo

de gregos para casa, a *Eneida* pretende ser esta mesma continuação por parte de um grupo de troianos vencidos e que se teriam tornando os fundadores de Roma. Não importa que isto seja historicamente verdadeiro ou não: o que importa é apenas que se tenha querido que fosse verdadeiro para legitimar determinados interesses (KOTHE, 1987, p. 56, grifos do autor).

Assim como salienta o autor, a *Eneida* vem com o objetivo de ser a continuação da *Odisseia* e *Ilíada*, narrando os mesmos acontecimentos da guerra de Troia, e principalmente acrescentando outros episódios, a exemplo da construção do cavalo de madeira que aparece apenas na *Eneida*, mesmo que tais fatos não sejam necessariamente históricos, justificam a fundação mítica e histórica de Roma.

A *Eneida* foi escrita para defender a origem divina da família que governava Roma (a família Júlia, como descendente de Enéias, o tirano), para justificar a conquista da Grécia (como vingança dos romanos, considerados descendentes dos troianos, sobre os gregos), para explicar as guerras púnicas (como vingança dos cartagineses por Enéias ter abandonado Dido, a antiga rainha deles) (KOTHE, 1987, p. 56, grifo do autor).

Nesse sentido, segundo o autor, a *Eneida* foi escrita por Virgílio como forma de enaltecer a origem divina da família do imperador Augusto, como descendente de Enéias, o troiano. Ainda, segundo o autor, a passagem de Eneias por Cartago é um prenúncio do conflito que acontecerá entre as duas potências navais no futuro, portanto, a narrativa remete a fatos históricos, a partir do mito. Assim sendo, Virgílio escreve a *Eneida* a mando do imperador de Roma, como forma de enaltecer a origem divina da cidade, tendo em vista que os descendentes dos troianos fundaram a cidade, por isso era de interesse de Augusto através de uma epopeia estabelecer a origem divina de Roma.

Tanto as duas epopeias homéricas, quanto à de Virgílio, são epopeias que marcaram a origem de Roma e da Grécia, cada uma com características específicas. Na *Eneida*, a intenção é não só enaltecer a origem divina de Roma, mas também valorizar a língua latina (LL), haja vista que as epopeias homéricas foram escritas em grego. Por isso, “Virgílio teve de lutar com elementos intrínsecos para a feitura do poema, como LL, dura e pobre, o tempo em que vivia e por fim, o seu gênio que não era épico.” (VIRGÍLIO, 1999, p. 6). Em Homero, os poemas estão caracterizados por sua originalidade, singela e espontânea naturalidade. Por outro lado, Virgílio, como poeta romano, encarava o mundo de modo mais pragmático, visto que deveria estar “pautando tudo pelo seu modo de sentir.” (p. 6), sendo essa uma das razões pela qual o poema consegue unir elementos históricos e míticos através de anacronismos que podem ser ilustrados quando Anquises, no mundo dos mortos, mostra ao filho as principais famílias que governarão

império no futuro. Sendo assim, Homero tem o mundo dos deuses como elementos presentes nas suas epopeias, já Virgílio tinha Roma e também os deuses como elementos basilares de sua epopeia, nessa perspectiva, consideramos a *Eneida* na perspectiva de uma obra voltada para a história de Roma, de toda sua criação e grandiosidade, imbricadas de elementos míticos configurados no heroísmo.

Homero e Virgílio trazem a *Iliada*, *Odisseia* e a *Eneida* como as principais fontes de conhecimentos sobre a história da antiguidade ocidental. Dessa maneira, é muito importante observar como era a construção da memória do passado, como era sentida, transmitida e até mesmo professada essa história, por isso os mitos tiveram importância fundamental na construção do herói épico, relacionando-o à história.

Sobre a estrutura da *Eneida* de Virgílio, é composta por 12 cantos com 9.826 versos hexâmetros, no que se refere à estrutura, consideramos que os seis primeiros cantos remetem à *Odisseia*, pois trata da viagem de Eneias em busca das terras onde fundará uma nova Troia; já os seis últimos cantos se referem à *Iliada*, visto que narra as batalhas de Eneias e os companheiros para conquistar a Hespéria, onde será fundada Roma (Nova Troia).

No poema, Enéias, jovem que defende a sua família e o seu povo durante a guerra, depois da destruição de Troia, segue uma longa viagem em busca das terras onde fundará a nova Troia. Nesse sentido, as epopeias têm uma importância fundamental para se conhecer a história da sociedade da época.

Uma das características da epopeia é iniciar *in media res*, é assim que Virgílio inicia a narrativa, visto que Eneias já está em Cartago e se apaixona profundamente pela Rainha Dido, mas o seu destino é fundar a nova Troia, por isso é impelido pelos deuses a sair do continente africano e seguir viagem até o seu destino final, que é chegar à Hespéria, onde fundará a nova Troia. Esse fato demonstra que herói deve cumprir a vontade dos deuses e seguir a sua missão, porque mesmo apaixonado e tendo um novo reino a seu favor, parte e faz jus a seu verdadeiro destino, dando significação a seu heroísmo e mostrando a seu povo que ele está lá por eles, ou seja, o herói é digno de glória e por isso representa o povo romano, que buscou conquistar outras terras e além disso a religião se constituía como valor basilar da sociedade romana. Assim

[...] desde os Poemas Homéricos, Enéias surge como um herói protegido pelos deuses, aos quais obedece respeitosamente, estando-lhe reservado um destino grandioso: nele repousa o futuro da raça troiana. Todos estes elementos serão retomados por Virgílio na *Eneida* e interpretados no quadro da lenda romana (GRIMAL, 1990, p. 135).

O autor evidencia que Eneias é um herói homérico, protegido pelos deuses, aos quais deve obedecer-lhes respeitosa e piamente. E se o destino de Enéias era fundar Roma, isso evidencia que seu destino se diferencia dos demais, visto que não morrerá na guerra e por isso sua missão é projetada para o futuro e por isso ali não era destino final, mesmo estando apaixonado e ter achado um lugar seguro para ficar, mas o seu destino era outro e por isso deveria seguir e cumprir a sua missão. Nesse sentido, tinha que preservar o futuro da raça troiana que estava sem rumo, assim era necessário que o herói os conduzisse até uma nova pátria.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DAS EPOPEIAS HOMÉRICAS: ENEIAS UM HERÓI HOMÉRICO

As epopeias homéricas têm grande importância para literatura ocidental, pois esclarece a caracterização do herói épico, haja vista que o conceito de mito não é apenas aquele sinônimo de mentira e, sim, fatos que provavelmente aconteceram. E Homero produz as duas maiores epopeias do mundo grego, a saber, a *Iliada* e *Odisseia*, nesses poemas estão narrados os principais acontecimentos da guerra de Troia de forma grandiosa e com muita significação para a história da mitologia grega. Eneias aparece na *Iliada*, no canto XX (verso 320), quando o poema narra a queda de Troia, a cidade em chamas, por causa dos gregos, que atacam os troianos sem piedade e o herói é retirado do combate contra Aquiles pelo deus Poseidon.

E isso se dá justamente pelo fato de que no poema homérico o herói não morre na cidade incendiada, tendo em vista que o seu destino é fundar um novo reino em uma terra distante e desconhecida. Já na *Odisseia*, Eneias surge como Odisseu, como modelo do herói itinerante. Eneias empreende viagem por terra e por mar, viajando sem parar, até chegar ao seu destino final, ali o herói entra na obra homérica. Sendo assim, Virgílio compõe a Eneida divinamente, de modo que os seis primeiros cantos fazem referência à *Odisseia* e os seis últimos cantos *Iliada*, como mencionado anteriormente, mostrando assim, que a obra virgiliana também é uma obra homérica.

Os mitos trazem uma historicidade por trás dos eventos narrados, isso porque arqueólogos descobriram, ao escavar, no local onde aconteceu a guerra entre gregos e troianos vestígios que remetem à guerra, talvez por isso para os antigos, não havia distinção entre os mitos e os fatos históricos. É relevante destacar esse aspecto, pois na atualidade, durante escavações efetuadas foram descobertas onze Troias, umas sobrepostas as outras, e os especialistas que descobriram essas troias a chamam como a Troia de Homero, e que teria

existido entre 1300-1260 a.C. (CARLIE, 2008, p. 230-231). Homero começa a compor as suas obras aproximadamente entre os séculos IX e VIII a.C. considerado período Arcaico, entretanto, o poema remete a acontecimento do século XIII a.C., justamente o período que possivelmente ocorreu a guerra.

Muitos pensam que as epopeias de Homero foram escritas para apenas entreter o seu povo/público, sendo considerada uma história fantasiosa para engrandecer o seu povo. Nesse sentido, Gabba (1986, p. 39) enfatiza que “[...] a existência de dados históricos e geográficos corretos”, ou seja, há dados históricos, verídicos e geográficos que provam a sua verdadeira existência, reconhecendo que tanto a *Iliada*, quanto a *Odisseia* narram eventos que realmente ou possivelmente aconteceram, como por exemplo a Guerra de Troia e as viagens de Odisseu, bem como haver muitos dados geográficos e topográficos de grande precisão.

Nas epopeias homéricas são bastantes comuns as referências sobre a ação dos deuses nas batalhas, no entanto quando nos debruçamos sobre esses eventos ficamos cientes de que veraz é um termo extremo para designá-las, entretanto a ideia de verossímil é mais factual, pois à medida que a arqueologia forneceu muitos dados os quais mostram que a *Iliada* e a *Odisseia* não estão completamente fora do tempo cronológico em que foram produzidas, e nem fora do contexto social a que se referem.

Os grandes historiadores que tratam sobre as duas maiores epopeias homéricas, a exemplo de Pierre Carlier e Emílio Gabba, apontam, por exemplo, que a *Iliada* e a *Odisseia* podem ser proficuas para os estudos históricos que são observados pelo segundo autor, pois

Em qualquer caso, e contemplando separadamente a investigação sobre os poemas e a análise da realidade histórica dos feitos descritos, o aproveitamento histórico da obra homérica será seguro e maior sempre que apontar para o estudo de aspectos como família, vida social e política, instituições e normas, princípios éticos, comportamento religioso, cultura material, ou fatores econômicos. Os símiles entre os poemas são, em suma, particularmente reveladores (GABBA, 1986, p. 45).

Seguindo nessa perspectiva do autor, é de suma relevância enfatizar como as obras homéricas podem ser também consideradas separadamente, mas por outro lado, podemos considerar investigações e análises da realidade histórica dos feitos descritos nas duas obras (*Iliada e Odisseia*), são feitos heroicos que têm importância concernentes aos aspectos míticos e históricos, em que devem ser considerados também os aspectos relacionados à família, vida social e política, e ademais fatores que englobam a vida daquela sociedade, por isso há também elementos comuns.

Vale ressaltar também que não podemos negar a importância de relacionar os heróis homéricos à história, visto que eles são personagens fundamentais na vida dos gregos, se tornam grandes exemplos a serem seguidos. Sendo assim, esses heróis são potências sobre-humanas visto que são reverenciados pelos deuses, por causa de sua ascendência divina a exemplo de Enéias que era filho da deusa Afrodite (a romana Vénus, deusa do amor). Por isso “[...] mostram, alguns mais e outros menos, entrelaçados com a história, com os acontecimentos, não de um tempo primevo que está fora do tempo, mas do tempo histórico, e que lhe toca as fronteiras tão intimamente como se já fossem história propriamente dita e não mitologia” (KERÉNYI, 1998, p. 17).

Nessa perspectiva, o autor afirma que não podemos negar a existência dos heróis, isso porque estão entrelaçados com a história e a arqueologia esses acontecimentos, não sendo restrito a um tempo primevo, mas a um tempo histórico, como se fossem história propriamente dita e não somente mitologia.

Contudo, os heróis existiram para o público das obras Homéricas, visto que, “sem a crença na realidade do seu objeto, o mito perderia toda a sua razão de ser” (FINLEY, 1982, p. 20). Com isso, o público passa a dar crença aos heróis e considerando-lhes realmente seres de existência real, visto que eram capazes de defender suas famílias, reinos e seu povo de maneira contumaz, e esses heróis constituíam-se em exemplos a serem seguidos. E assim as análises da construção desses heróis representados na *Iliada*, *Odisseia* e *Eneida* (Virgílio) se constituíam como uma importante ferramenta para compreensão dos códigos de conduta que se pretendiam passar para os ouvintes desses poemas.

Assim, as epopeias representam a sociedade como *concreta* e *utópica*. Sendo a concreta a própria sociedade em que Homero viveu na época da composição desses poemas com a sua materialidade. E a *utópica* vem representada pela sociedade heroica que porta a ideologia e o mito da própria realidade arcaica, a qual tem relação estrita com esta. Antônio Cândido (2005) explana que o próprio possuidor do espelho é justamente o poeta, e que é através desse espelho que ele se espelha, combina e cria ao devolver à sociedade a sua visão de mundo.

Quando os gregos levaram a Troia, um cavalo gigante de madeira, e logo em seguida ateou fogo em toda a cidade –uma estratégia para conseguir entrar nos muros da cidade – o povo troiano não tinha como se defender desse ardil, isso porque eles tinham prometido apenas um cavalo de presente para o povo de Eneias, e não os atacar, por isso o povo não pode se preparar para se defender dos ataques do inimigo. Diante disso, Eneias, seu pai Anquises e seu filho Ascânio tiveram que partir imediatamente da Troia destruída pelos gregos, o herói salva não só sua família da morte, mas também um grupo de sobreviventes. Eles partem em uma

longa viagem por terra e por mar até chegar a nova Troia, mas isso levará Eneias, sua família e seu povo a passar por muitos obstáculos.

Eneias viajou rumo ao ocidente, sendo que por vezes, essa jornada pode ser compreendida como um símbolo da integração entre os povos do Mediterrâneo. E em outro sentido oposto, essa viagem de Eneias com seu povo troiano foi considerada pelo turismo arqueológico, como representada também o drama universal vivido, ao longo do tempo, por refugiados de guerra e imigrantes. Nessa perspectiva, Giardina (2015, p. 116), ressalta que “Os mares da Sicília pululam de prófugos que escapam de terríveis tragédias, tantas Troias hoje destruídas. Diante de um prófugo dever-se-ia colocar sempre essa pergunta: e se fosse um outro Eneias?”.

A autora explicita a questão do herói prófugo, que escapa da terrível guerra de Troia, que foi completamente destruída pelos gregos, e isso tudo permitido pelos deuses, isso porque Eneias tinha a obrigação de partir da Troia destruída para fundar Roma. Ele ainda deixa a pergunta "e se fosse um outro Eneias?", será que um outro Eneias faria o mesmo que ele fez? São perguntas complexas, entretanto, podemos considerar que o destino do herói estava determinado pelos deuses, tinha que partir e cumprir a missão a ele designada.

É importante frisar que essas características de prófugo estão atreladas às condições de sobreviventes do caos vivido pelo o herói troiano, filho de Afrodite (Vênus), que é incumbido pelos deuses para fundar Roma, que é o cerne da épica de Virgílio.

O poeta no próêmio anuncia o tema da primeira parte da epopeia como uma longa peregrinação que o herói Eneias é impulsionado pelo destino (deuses), a deixar a Troia antiga nas ruínas, consumida pelo fogo atado pelos gregos, em busca de uma nova pátria (Roma), com grande esperança para a sua linhagem e refúgio para os deuses tutelares.

Vale ressaltar também que Virgílio viajou por toda a Grécia e Ásia para escrever a Eneida, e finalizar a sua epopeia, com o intuito de enriquecer com informações sobre os lugares onde possivelmente estão os lugares descritos no poema, além das cidades incluídas no roteiro do herói troiano (Suetônio, Vita Vergili, 35). É de suma importância destacar que o poema (*Eneida*) acabou ficando inacabado, isso porque pouco tempo depois de se encontrar com Augusto, em Antenas, o poeta foi acometido de uma febre letal a qual o obrigou a interromper o projeto e teve que regressar à Itália onde faleceu.

Virgílio faleceu em Brundísio, no ano 19 a.C., deixando sua grandiosa epopeia inacabada. Com a sua morte prematura, o imperador Augusto queria que a *Eneida* fosse publicada, visto que Virgílio já tinha escrito praticamente o poema completo, haja vista que faltavam apenas alguns retoques finais. O poeta Mântua deu início à composição de sua

epopeia, utilizando-se de um vasto material mitográfico que o precedia em mais de um milênio, mais especificamente, uma tradição pós-homérica sobre as viagens do herói troiano, com vários estratos e variantes.

Quando o herói homérico e sua frota troiana estavam próximo de chegar ao seu destino final, acaba desviando a rota, incitada por Juno, foi desembarcar no litoral de Cartago (África) onde Enéias e os troianos acabam ficando por lá. Depois da chegada, o herói e a rainha Dido apaixonam-se mutuamente. Diante disso, a deusa Vênus, sua mãe, acaba intervindo nessa paixão, advertindo que o filho parta imediatamente em direção a nova Troia, porque esse é o seu dever, a sua missão. Entretanto, isso acaba abalando o coração da rainha, que logo depois da partida do herói, acaba suicidando-se. Oliva Neto (2016, p. 246-247), mostra que na Eneida esse episódio cumpre uma função etiológica, ou melhor, explicar o princípio das animosidades entre Roma e Cartago, funcionando ao mesmo tempo como um interlúdio amoroso na epopeia, sendo que emula aspectos literários da elegia e da tragédia. E logo ao descobrir a morte de Dido, Enéias rememora a perda de sua esposa Creusa, na guerra de Troia, haja vista que ele consegue salvar apenas seu pai (Anquises) e seu filho (Ascânio) da morte trágica. E isso faz com que o leitor/ouvinte fique situado nos acontecimentos pregressos, a partir da narrativa do herói, durante um banquete, na corte cartaginesa (Ver. Aen., II, 01-804).

Enéias é um herói homérico justamente por todos os seus feitos, além dos atos de bondade para com seu povo e sua família, isso porque ele era pio (um herói piedoso), visto que a piedade era valor da cultura romana, que se caracterizava como um sentimento de obrigação para com os parentes. Nesse sentido, Maria Helena da Rocha Pereira ressalta que “a pietas (piedade) define-se habitualmente como sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos parentes).” (PEREIRA, 2009, p. 338). Diante dessa visão, o destino do herói é assegurar que os seus descendentes tenham uma nova pátria. Assim, depois de chegar a Cartago, mesmo se apaixonando perdidamente por Dido não permanecerá, haja vista que seu real motivo quando deixa Troia destruída, é fundar uma nova Troia, e não será naquelas terras, por isso não questiona, e parte imediatamente, deixando-a para trás e segue seu caminho a fim de cumprir a sua missão.

Vale ressaltar ainda, que essa viagem de Enéias por todo o mar mediterrâneo, em busca de um novo rumo para sua família e seu povo, tem como pano de fundo o processo histórico da fundação de colônias e transferências de populações da língua grega para as regiões ao sul da Península Itálica, Sicília, Campânia e o norte da África. Nesse sentido: “os gregos e seus vizinhos tinham consciência das convulsões que puseram povos em movimento nos séculos seguintes à Guerra de Troia, e personalizaram a história de suas migrações identificando

pessoas isoladas de quem seriam a progênie” (ABULAFIA, 2014, p. 116-117). Assim o autor ressalva que a grande migração de Enéias pelo mar mediterrâneo até chegar a nova Troia, percorrendo por vários caminhos, enfrentando muitos obstáculos pela frente, mas sempre com a proteção dos deuses, são a garantia de forma antecipada que o verdadeiro destino do herói troiano era ser o continuador da raça troiana.

Reforçando ainda essa afirmação, Abuláfia (2014, p. 116), ainda destaca que “o mapa do Mediterrâneo era infinitamente maleável nas mãos dos poetas”, isso porque esses poetas, como Homero e Virgílio, tinham uma certa facilidade para cruzá-los. Sendo assim, os mitos dos heróis viajantes também foram, com frequência, mobilizados pelos autores gregos para explicar monumentos, aspectos da toponímia, peculiaridades étnicas e traços culturais dos povos vizinhos.

### 3 A ESTRUTURA DA ENEIDA DE VÍRGÍLIO

A *Eneida* de Virgílio é uma obra clássica da literatura latina composta de doze cantos, hexâmetros, e que começou a ser escrita entre 29 a.C. e 19 a.C. a mando do imperador Otaviano Augusto, após derrotar Marco Antônio na batalha naval de Ácio na Grécia, tornando-se assim, o único senhor do Império Romano, sendo publicada pelo imperador “dez anos mais tarde, logo após a morte de Virgílio (aliás, contra vontade do poeta, porque considerava o poema inacabado; com efeito, entre outras evidências, há 58 versos só esboçados, como se poderá ver)” (VIRGÍLIO, 2016, p. 10).

Nesse sentido, a *Eneida* está para o mundo romano como a obra homérica está para o mundo grego. No que concerne à estrutura da Eneida, podemos considerar a divisão do poema, a saber: os seis primeiros cantos a *Odisseia* (que narram as viagens de Eneias, após Troia ser destruída pelos gregos – fazendo alusão ao herói Odisseu) e os seis últimos cantos a *Iliada* (fazem referência a atitude guerreira de Enéias quando tem que enfrentar os reis da Hespéria para conquistar o território onde será fundada Roma). Com isso, será abordado nos próximos pontos, sobre cada canto o que aconteceu durante toda a viagem de Eneias até chegar ao seu destino final, o território, a Hespéria, onde será fundada Roma.

#### 3.1 SEIS PRIMEIROS CANTOS – ODISSEIA

Os seis primeiros cantos da *Eneida* de Virgílio são moldados na *Odisseia*, obra de Homero, isso porque Enéias já está em Cartago, cidade da África, com a rainha Dido (por quem se apaixona perdidamente). Enéias narra todo o seu percurso para a rainha. O primeiro canto narra os eventos em que troianos já estão instalados na África, ao lado da rainha Dido; o segundo canto inicia as narrativas de Enéias para o povo de Cartago sobre os eventos ocorridos durante o percurso em alto mar, até chegar a África; o terceiro canto continua a narrativa de Enéias a Dido, ela ficava cada vez mais se entusiasmada com a narrativa do troiano, despertando nela uma paixão avassaladora. Após os naufrágios dos navios; os troianos chegam a Drépano, cidade na qual Anquises morre, seu corpo é sepultado, os navios são reabastecidos, mas com a partida dos troianos, a deusa Juno, contraria os troianos, por isso os navios chegam até Cartago, cidade da África governada por Dido.

O quarto canto, narra a tragédia da rainha Dido que está apaixonada perdidamente por Enéias, por isso a deusa Vênus (mãe de Enéias) ao perceber que o destino do filho está em risco

por causa dessa paixão, ordena que o filho e os sobreviventes saiam da cidade na calada da noite em busca do seu destino. A rainha ao saber da partida dos troianos, acaba suicidando-se. Mais tarde, Enéias sabe de morte da rainha e fica muito triste e lamentando-se por ser o causador da tragédia. Assim, Vergílio (1999) aponta:

Dissera; e, enquanto ainda falava, suas damas vêm-na caída sobre o fero; vêm a espada espumando com sangue e as mãos desfalecentes. O clamor eleva-se para os altos átios; o ruído dessa morte corre desenfreado por entre a cidade em tumulto; lamentos, gemidos, uivos de mulheres fazem a casa estremecer; o éter ressoa com gritos dolentes: dir-se-ia que, invadida pelo inimigo, Cartago ou a antiga Tiro ruía e que as chamas rolassem, furiosas sobre as casas dos homens e dos deuses (VERGÍLIO, 1999, p. 85-86).

O quinto canto é a parte em que Enéias chega à Sicília, onde vai organizar os jogos fúnebres em honra a seu pai Anquises, visto que esses jogos era forma de homenagear os mortos.

O sexto canto narra a chegada de Enéias a Cumas, na costa ocidental da Itália, para “a alta estátua de Apolo e o retiro afastado da Sibila temível [...]” (VERGÍLIO, 1999, p. 111). Enéias vai falar com a Sibila para que o deixe ir até os confins do inferno (o mundo dos mortos) para falar com seu pai Anquises, ele obtém a permissão. Quando Enéias encontra o seu pai no mundo dos mortos, pede para que lhe mostre o caminho a seguir, e o pai revela-lhe o futuro da nova Troia, isto é, a futura Roma, a Enéias.

Nesse sentido, Marques Júnior (2008, p, 61) salienta que

Os rituais revelam o rito de passagem de Enéias em busca do pai e da pátria. Primeiro, os ritos fúnebres com que ele celebra o pai, no Livro V, com os jogos na Sicília, em Drépano, após um ano da morte de Anchises; em seguida, no Livro VI, Enéias faz a Catábasis (descida ao inferno para o reencontro com o pai, que o aconselha e mostra o futuro glorioso de Roma), num ritual de conhecimento e clarificação do destino, e a Anábasis, subida de volta ao mundo dos vivos para encontrar a pátria, ritualisticamente encontrada no Livro VII, na chegada ao Lácio, após o cumprimento da sombria profecia de Celeno (Livro III), de que os troianos, de fome, comeriam as próprias mesas.

Nesse trecho, o autor destaca a importância de Enéias ter descido até ao Hades (mundo dos mortos) para falar com o seu pai falecido, Anquises, com o intuito da certeza que a fundação da nova Troia está assegurada pelos deuses, ou seja, a futura Roma. Enéias não sabe mais o que fazer para prosseguir no seu destino, ele está muito cansado e abalado com tudo e sem a companhia do pai fica bem mais difícil cumprir a missão, visto que o pai durante parte da viagem foi o seu guia. Mas ao descer ao mundo dos mortos o pai apresenta-lhe a futura Roma,

os imperadores que irão governar e os seus descendentes e é por isso que Enéias não pode parar, e sim, seguir em frente e cumprir a sua missão que é fundar a futura Roma.

Após essa síntese, evidenciamos que os seis primeiros cantos da *Eneida* são compostos pela temática da *Odisseia*, isso porque há semelhança entre sua trajetória Enéias e a do herói Odisseu, que passa parte da narrativa viajando em alto mar, enfrentando vários obstáculos e que só depois de dez anos retorna a Ítaca. Nesse sentido, Eneias também enfrenta muitos obstáculos durante a viagem para sua cumprir sua missão. Entretanto a descida ao mundo dos mortos é a garantia de que será o continuador da raça troiana, visto que essa confirmação está: “Situada no centro do poema, a descida de Eneias ao mundo dos mortos encerra a metade odisseica da Eneida, errância no mar, para dar início à metade iliádica, luta em terra” (VIRGÍLIO, 2016, p. 369). É com a descida de Eneias ao mundo dos mortos que se encerra a metade da Odisseia da Eneida e com a errância de Odisseu no alto mar, provocando o retorno a viagem em busca da terra onde fundará nova Troia e com isso dar-se o início da metade iliádica que estará presente nos últimos seis cantos do livro da *Eneida*, que serão as lutas em terra firme e “começa agora a metade bélica da Eneida, em que Eneias e os troianos, para estabelecer-se de vez no Lácio, devem antes enfrentar a coligação de povos itálicos liderados por Turno” (VIRGÍLIO, 2016, p. 442).

### 3.2 SEIS ÚLTIMOS CANTOS – ILÍADA

Como foi abordado anteriormente, os seis primeiros cantos (*Odisseia*), da Eneida, já os últimos seis cantos narram as lutas em terra firme no território onde será fundada a cidade Roma. No sétimo canto, Enéias finalmente chega ao Lácio, terra governada pelo rei Latino que lidera os povos itálicos. Com a chegada dos troianos, a região do Lácio entrara em guerra, visto que o piedoso Enéias terá outros aliados, como o rei Evandro; outros povos da região farão alianças contra os troianos, como Turno e Mezêncio, por exemplo.

Desse modo, Enéias terá de enfrentar a ira de Turno, justamente, porque Enéias pedirá a mão de Lavínia ao Rei Latino, que está prometida em casamento a Turno, gerando assim conflitos entre os povos da região, isso porque “lá reinava um descendente de Saturno, Latino, que não tinha filhos, varões, mas só uma filha, Lavínia, já núbil. Turno, rei dos rútuos, que também habitavam o Lácio, já a pedira por esposa e era desejo de Amata, a rainha, mãe de Lavínia, que a filha o despoasse, mas a jovem estava destinada a marido estrangeiro, conforme certos prodígios revelavam” (VIRGÍLIO, 2016, p. 442).

Lavínia já havia sido prometida em casamento a Turno, mas com a chegada do troiano Enéias, os planos de Turno são frustrados, tendo em vista que esse fato já está designado pelos deuses. Exatamente esse desígnio provoca o conflito entre Turno e Enéias. “As provocações de Enéias são a sua preparação, seu rito de passagem para a condição do herói civilizador” (MARQUES JÚNIOR, 2008, p. 68). Sendo assim, Enéias sofrerá muitas provocações por parte de Turno, mas o seu destino é enfrentá-lo e vencê-lo na disputa pela mão de Lavínia, sendo que esse é o destino traçado pelos deuses, a luta tem que acontecer, além disso os deuses já determinaram que o vencedor será Eneias.

O oitavo canto narra a disputa de Enéias e Turno por Lavínia, e com isso, Enéias fará alianças para vencer Turno e obter êxito na disputa. Evandro que governa a recente cidade de Palanteia, torna-se aliado dos troianos e, além disso, descobrem que têm a mesma ascendência, haja vista que Enéias “encontra Evandro, imigrado da Arcádia para a Itália, já ancião, a fazer sacrifício em honra de Hércules” (VIRGÍLIO, 2016, p. 510). A *Iliada* entra nessa parte do confronto de Enéias e Turno, e por isso podemos inferir metaforicamente aquele representando Aquiles, e esse, Agamêmnon na *Iliada*. A disputa pela mão de Lavínia leva Eneias e os aliados a obterem algumas vitórias contra os aliados de Turno. A disputa de Enéias contra Turno remete ao episódio entre Aquiles e Agamêmnon. Assim, é

O que norteia o Canto I da *Iliada* é a discussão travada sobre a honra do herói. Como obter a glória que se busca sem a honra? Este é o drama de Aquiles. De um lado se põe o senhor dos heróis, Agamêmnon, comandante supremo do exército de coalizão dos Aqueus, que conta, aproximadamente, com cem mil homens. Do outro lado está o maior dos heróis, o melhor dos Aqueus, o mirmidão Aquiles, temido por todos os guerreiros Troianos, por ser, nas palavras de Nestor, “a grande muralha dos Aqueus contra a guerra cruel (Canto I, versos 288-289). (MARQUES JÚNIOR, 2008, p. 37, grifo do autor).

O autor mostra que na *Iliada* Agamêmnon e Aquiles são rivais, visto que há uma disputa por uma mulher que Aquiles recebe como prêmio de guerra, entretanto Agamenon retira-lhe, provocando a ira de Aquiles, e por isso ele decide sair da guerra. Já na *Eneida* de Virgílio percebemos uma situação similar, haja vista que Enéias chega ao Lácio e acaba gerando a ira de Turno, isso porque ele se encanta por Lavínia, confirmando que seu destino é casar-se com ela, provocando a ira de Turno. Podemos perceber elementos nessa disputa que remetem aos heróis homéricos, visto que quando começa a guerra de Enéias (Aquiles) contra Turno (Agamêmnon) e que Enéias (Aquiles) sai como grande vencedor dessa disputa, por desígnio dos deuses.

O nono canto narra a ira de Turno depois da chegada dos troianos a seu reino, por isso ele reúne os seus soldados e vão até o encontro de Enéias, mas o troiano se recusa a lutar com ele naquele momento, isso porque Enéias ainda está sem soldados suficientes para enfrentá-lo. Por essa razão “Turno, irritado, cogitando como trazer o inimigo à luta, decide incendiar os navios, que, porém, não se fazem queimar graças a um prodígio [...]” (VIRGÍLIO, 2016, p. 573), e com essa tentativa de incendiar os navios dos troianos, acaba falhando visto que esses navios estão sob as proteções dos deuses que “[..] o poeta, suspendendo a narração, invoca as musas para digressivamente narrar que outrora, quando Eneias navegava próximo ao monte Ida, na Frígia, Cibele, a Grande Mãe dos deuses, pedira a Júpiter que as naus do herói jamais naufragassem” (p. 573).

O décimo canto inicia-se com Júpiter convocando os deuses para uma assembleia em que irá declarar apoio à guerra dos itálicos contra os troianos.

Seguem-se a fala de Vênus, a favor de Eneias (vv. 18-16), e a de Juno, a favor de Turno (vv. 63-95), que permitem ao poeta inserir no quadro mais amplo do poema épico elementos de oratória deliberativa: assiste-se ao princípio do contraditório e a alguns tropos retóricos. Não se obtendo, porém, acordo nem paz, o discurso de Júpiter tem peso de veredito: imparcial, não favorecerá nenhuma das partes, que se verão entregues à própria sorte e à mercê do destino (vv. 96-113). (VIRGÍLIO, 2016, p. 643).

Enéias prepara-se para a batalha contra os itálicos que têm a proteção de Júpiter, enquanto os troianos têm a proteção de Vênus, mãe de Enéias, nessa disputa de preferência não houve acordo entre os deuses e por isso a batalha torna-se inevitável entre os itálicos e os troianos.

No décimo primeiro canto, Enéias fica enfurecido porque Turno mata Palante, filho do rei Evandro, seu aliado, e por isso vingará a morte do filho do aliado; os combates continuam e Enéias mata Mezêncio, “o cruel etrusco, pouco depois de Lauso, filho dele.” (VIRGÍLIO, 2016, p. 721). Mas Enéias não culpa Turno pela morte de Palante, pois “ele só cumpria os fados, a culpa cabia a Latino, o rei, porque não honrou a aliança e a hospitalidade!” (p. 721), e com isso “Eneias inesperadamente não culpa Turno, apenas diz que justo seria baterem-se em duelo singular por Lavínia e dá permissão de recolher os mortos” (p. 721).

No décimo segundo e último canto, Turno vê que não resta outra saída, a não ser lutar em um combate singular com Enéias. Após a batalha entre os dois, Enéias acaba partindo a espada de Turno ao meio, deixando-o sem forças para continuar lutando. Desse modo, Turno acaba tentando fugir da batalha contra Enéias, entretanto vendo que não tem mais chance de

vitória, implora para que seja poupado, entretanto: “quando o pio Eneias já lhe poupava a vida, viu brilhar o boldrié e o cinto que Turno despojara de Palante ao matá-lo. Enche-se de fúria. Dizendo-lhe é Palante quem se vingá, enterra sem piedade a espada no peito de Turno (vv. 867-952).” (VIRGÍLIO, 2016, p. 795).

Vale ressaltar que esse acontecimento fora antecipado, quando Anquises, no mundo dos mortos mostrar-lhe o caminho e o incentiva a olhar para o futuro e assim prosseguir com o seu destino; Enéias parte de Cumas e chega ao Lácio, região central da Itália, onde se encontra com o rei Latino que aceita Enéias e o seu povo Troiano como aliados, entretanto essa aliança não agrada muito Turno, rei dos rútuos, e futuro esposo da princesa Lavínia, filha de Latino. E com isso surge os confrontos de Enéias com Turno, e culminará com a vitória de Enéias subjugando Turno. Portanto, a missão estava assegurada não só pelos deuses, através dos sinais enviados, mas também foi confirmada por Anquises. Turno completamente vencido, implora piedade, está tomado de pavor pelas terríveis visões e pela morte iminente, mas Eneias, não o atende, porque a morte do inimigo é um ato de justiça, em vista de sinais como

A presença da ave, Turno é tomado de pavor, aquele patético pavor que sentem os que estão em condição inferior, pressentindo a derrota. Juturna desespera-se e, queixando-se de Júpiter, mergulha de vez no Tibre: Turno está entregue a si mesmo. Eneias aproxima-se, prova Turno, que tenta em vão atirar-lhe uma pedra. Eneias acerta-lhe a lança, e Turno dobra os joelhos, caindo ao solo. Humilhado, suplica clemência ao boldrié e o cinto que Turno despojara de Palante ao matá-lo. Enche-se de fúria. Dizendo-lhe que é Palante quem se vingá, enterra sem piedade a espada no peito de Turno (vv. 867-952). (VIRGÍLIO, 2016, p. 795).

A guerra inicia-se quando os troianos, finalmente, pisam os pés no Lácio, após um longo tempo navegando em alto mar por exatos sete anos de errância, mas tudo isso tinha um propósito dos deuses, e que Enéias e os companheiros tinham que navegar até finalmente chegarem ao destino final. Desse modo, Enéias vai ter que pedir a ajuda de Evandro, e isso acontece, justamente, quando Enéias tem um sonho e que nesse sonho o deus do rio Tibre pede para que ele vá até Evandro para buscar ajuda nesse combate com Turno. Ao partir no dia seguinte, ele fala com Evandro que oferece o seu exército a Enéias para que consiga derrotar Turno e os seus soldados. Turno é finalmente derrotado e Enéias é o vencedor. A cidade onde reinará os descendentes de Eneias será chamada Lavínia, nome da sua futura esposa, que depois tem o seu filho Ascânio para dar continuidade ao destino do seu pai Enéias.

Desse modo, os seis últimos cantos da *Eneida* são semelhantes à obra homérica, *Iliada*, pelo simples fato das batalhas/guerras que há entre os dois heróis principais da obra, sendo

Enéias o herói piedoso e que não se acovarda com nada, se assemelhando ao grandioso Aquiles, filho de Zeus, que diferente de Enéias (herói piedoso), é um herói épico que vai para guerra a fim de alcançar a glória de morrer lutando. E tendo os dois reis, Turno, presente na *Eneida* de Virgílio e Agamêmnon, presente na *Iliada* de Homero, ambos heróis, que provocam as guerras contra os troianos. E com isso, Marques Júnior (2008, p. 81) enfatiza que, “[...] Enéias perde a pátria, perde o pai, vai à busca do pai, para fundar a nova pátria, sendo, portanto, o pai da pátria, que será a cabeça do mundo.”

### 3.3 O HERÓI ENEIAS

A *Eneida* de Virgílio é uma obra clássica que narra a criação de Roma, através dos atos heroicos do troiano (Enéias), herói épico presente na obra de grande destaque de Virgílio. E Enéias se torna um grande herói, justamente, por defender sua família e seu povo, sempre pensando no próximo, por isso também é caracterizado como pio. Enéias é o principal herói da *Eneida*, filho do mortal Anquises (que o tinha como o olhar e sabedoria para os seus atos) e da deusa Vênus (Afrodite).

Virgílio, entretanto, inspirou-se numa lenda segundo a qual Vênus teria aparecido a seu filho durante o saque da cidade e tê-lo-ia obrigado a subtrair-se ao perigo. O herói carregaria então aos ombros seu velho pai Anquises e levaria Ascânio pela mão. Fugindo na escuridão, perdeu-se de sua mulher Creusa, cuja sombra apareceu-lhe para anunciar que a própria Cibele a levaria do número dos vivos e para revelar-lhe os destinos reservados a seu esposo na Itália (MUNIZ, 1972, p. 61 a 62).

Enéias tem a missão de dar continuidade à raça troiana, é filho do mortal Anquises e da deusa Vênus, os deuses já o tinham escolhido para ser fundador de Roma, visto que sua missão é designada com o intuito de dar continuidade à raça troiana, pelo fato de ser piedoso. Enéias é descendente dos deuses, e a ajuda deles será fundamental para que cumpra o seu destino. Sendo assim, Enéias vai ter de enfrentar muitos obstáculos até chegar ao seu destino final, que é justamente fundar Roma.

Após partir da Tróia incendiada e totalmente destruída pelos gregos, Enéias leva consigo o seu pai Anquises, em suas costas (pois Anquises não tinha as forças mais forças para caminhar), o seu Ascânio, a esposa de Anquises, Creusa, que havia desaparecido entre as chamas que consumiam a cidade. Enéias não queria partir daquela forma, mas diante de tamanha destruição, decide seguir o seu destino, que é fundar a nova Troia. Ele teve que partir

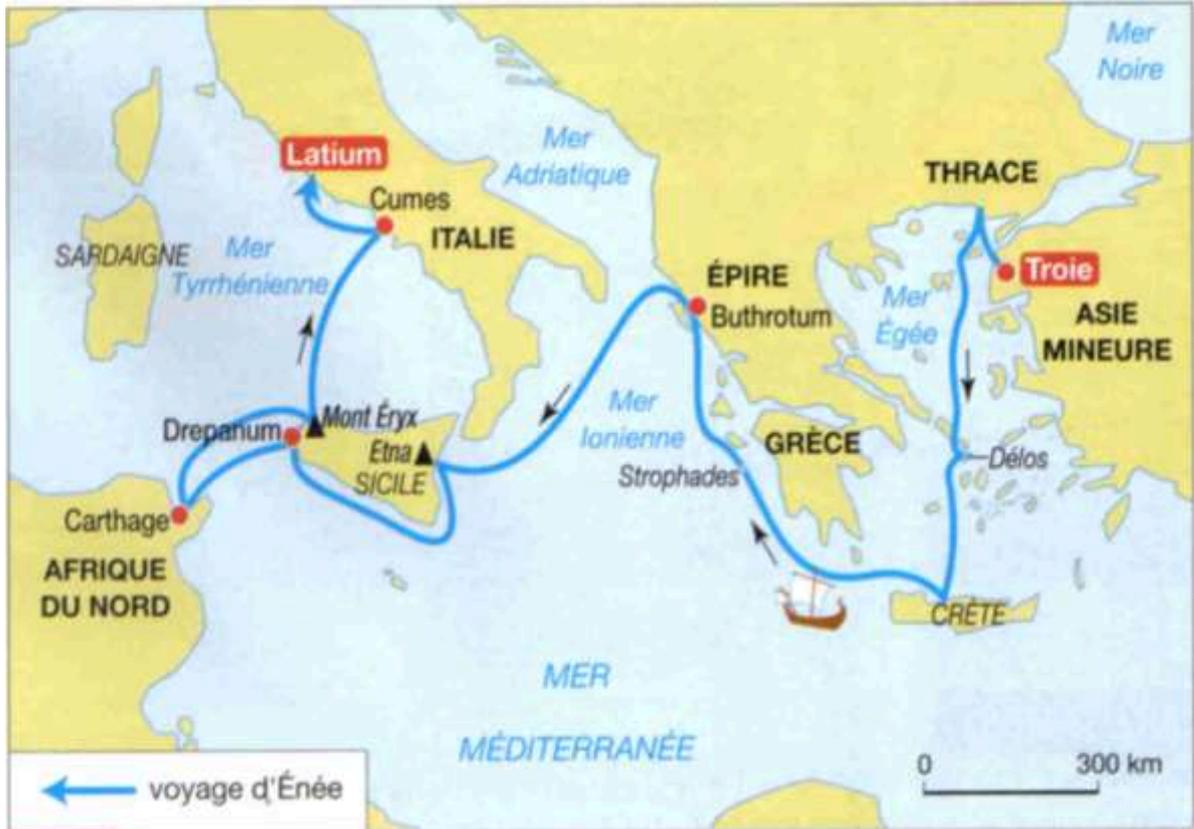
dessa forma, sem poder fazer nada salvar a cidade da destruição, apenas conseguiu fugir junto com sua família e com alguns troianos que escaparam das chamas da Tróia incendiada. Todos esses eventos já estão anunciados no início do poema (VIRGÍLIO, 2016, p. 73):

As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia<sup>2</sup>  
 Por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro  
 E de Lavínio nas praias. A impulso dos deuses por muito  
 Tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno,  
 Guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade<sup>3</sup>  
 e ao Lácio os deuses trazer – o começo da gente latina,  
 dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados.  
 Musa!, recorda-me as causas da guerra, a deidade agravada;<sup>4</sup>  
 Por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro<sup>5</sup>

Trata-se do próêmio do poema, isto é, o resumo do que será narrado na obra. Percebemos que estão sintetizados os acontecimentos que culminaram com a destruição de Tróia, e mostra que Enéias, sob proteção dos deuses, incluindo a sua mãe, a deusa Vênus, tem que partir dessa Tróia e ir em busca da nova Tróia, que será a futura Roma. E de início já é notável o seu ato heroico, o seu heroísmo presente somente no primeiro canto da *Eneida*. Isso porque Enéias obedece à ordem divina e sai de Tróia incendiada pelos gregos e parte em busca da sua nova moradia, não somente para a sua família, mas também para o restante dos troianos que conseguiram escapar da destruição.

Quando chega à cidade de Cartago, na África, conhece a rainha Dido, por quem se apaixona, mas por consequência de seu destino, ele acaba tendo que partir de lá até a Cumas, onde vai descer até o mundo dos mortos para encontrar-se com o seu pai Anquises. Desse modo, Enéias encontra-se com o seu pai, pede-lhe orientações para que possa prosseguir. O pai mostra ao filho o futuro da nova Tróia, que será o império romano, mostrando todos os seus descendentes que governarão o futuro império romano.

Depois de se encontrar com seu pai Anquises que assegura o cumprimento do destino, Enéias parte de Cumas e chega ao Lácio, região central da Itália, aonde se encontra com o rei Latino que aceita Enéias e o seu povo Troiano. Entretanto encontrará a oposição especialmente de Turno, rei dos rútuos, e futuro esposo da princesa Lavínia, filha de Latino. E com isso surge os confrontos de Enéias com Turno, e que terminará com a vitória de Enéias sobre Turno.



**Figura 1** - Mapa do Percurso de Enéias em alto mar

Fonte: Imagens Google (2022).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <https://lewebpedagogique.com/prof/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

## 4 ENEIDA: UMA ADAPTAÇÃO DE MIÉCIO TÁTI PARA O ENSINO MÉDIO

### 4.1 SEQUÊNCIA DA ADAPTAÇÃO

A adaptação da *Eneida* de Virgílio é de Miécio Táti, (1913-1980), falecido no Rio de Janeiro. O autor deixa a adaptação de umas das maiores epopeias do mundo ocidental, a *Eneida* de Virgílio, que é adaptada para o público juvenil e apresenta duas características básicas, a saber: escrita em prosa e a segunda traz os eventos da *Eneida* de forma linear, como por exemplo, o episódio da construção do cavalo de Tróia que inicia a adaptação, diferentemente da estrutura do poema original. Dessa forma, essa adaptação pode despertar o interesse da leitura de uma epopeia da LC, em especial, a *Eneida*, que narra os eventos da guerra entre os gregos e os troianos que culminou com vitória dos gregos até o nascimento da nova Tróia, que será Roma. Nesse sentido, a adaptação de Miécio Táti traz justamente uma leitura de fácil entendimento da *Eneida*, de uma forma mais simples, breve e esclarecedora, como veremos a seguir.

A adaptação de Miécio Táti inicia-se com a chegada do **cavalo de madeira** à cidade de Tróia. Os gregos não conseguem entrar na cidade, justamente por causa das grandes muralhas, visto que foram construídas pelo deus Netuno e somente através de um estratagema entrariam na cidade, e “os gregos sitiaram Tróia durante dez anos, mas não lograram tomar a cidade, cujas muralhas eram altas e sólidas.” (TÁTI, 1998, p. 5), após todos esses anos, os gregos desistiram de tentar pular os altos muros da cidade de Tróia e, com isso, optaram por presentear os troianos com um cavalo gigante de madeira. Mesmo diante das advertências de Netuno os troianos sucumbiram. Conforme, Táti (1998):

– Muito cuidado, homens de Tróia! – advertiu – Estão seguros de que os gregos realmente partiram? Com que propósito construíram este cavalo? Que se encontra no seu bojo? Talvez o tenham feito com essa altura para poderem escalar nossos! Desconfio dos gregos, sobretudo dos seus presentes! (TÁTI, 1998, p. 6).

Após a exortação, os troianos lançaram e arremessaram vigorosamente contra o cavalo de madeira, atingindo assim no ponto de acesso do cavalo de madeira, mas já era tarde demais, visto que logo em seguida os gregos começaram a atear fogo em toda a cidade. Diante da destruição iminente, Enéias com o filho (Ascânio), o pai (Anquises) e os sobreviventes saíram da cidade destruída pelos gregos. Enéias queria muito ficar e lutar pelo seu povo, entretanto o

destino do herói, de sua família e do povo deveria ser de continuadores da raça troiana. Enéias partiu, conduzindo o pai Anquises nas costas e o seu filho Ascânio ao lado, durante a saída a sua esposa (Creusa) ficou para trás, morrendo incendiada pelas chamas, pois o destino, do troiano é ter outra esposa na futura Troia e por isso deveria partir imediatamente.

**O saque de Tróia**, que é justamente o momento em que os gregos começam a atacar os troianos covardemente, sem piedade e com a maior frieza, tendo em vista que os troianos não puderam revidar, pois estavam adormecidos, depois de celebrarem a suposta rendição dos gregos. Diante disso, Enéias teve que partir com sua família e com alguns troianos que sobreviveram à destruição de, pois “em pouco tempo, numerosos incêndios irromperam em todos os bairros da cidade. Os troianos, apanhados de surpresa, não tiveram tempo de organizar uma resistência ordenada e foram rapidamente dizimados pelo inimigo impiedoso” (TÁTI, 1998, p. 11).

Enéias que era muito piedoso e pretendia lutar até o fim defendendo o seu povo e sua cidade, entretanto, não teve escolha, pois seu destino estava definido, partir da Tróia destruída pelos gregos e assim partiu em uma longa viagem por terra e mar para fundar a nova Troia. Durante a longa viagem, os deuses auxiliaram-no, mostrando-lhe o seu destino, desde a saída até fundar a nova Tróia, que no caso, será a cidade de Roma. Depois da morte de Heitor, morto por Aquiles, a sombra do herói troiano, adverte Eneias com as seguintes palavras: “– Fuja, Enéias, esperança de Tróia! O inimigo assenhoreou-se da cidade. Recolha os objetos sagrados dos templos e os penates da pátria e parta em demanda de outras terras, a fim de edificar um novo reino! É a vontade dos deuses!” (TÁTI, 1998, p. 12).

Dessa forma, Enéias aceita o conselho do seu amigo Heitor, mesmo contrariado decide partir em busca de uma nova terra segura para ele, sua família e os sobreviventes, visto que isso era desígnio dos deuses. Então, ele parte e deixa a Tróia totalmente em chamas, no entanto sabia que mais à frente encontraria paz e segurança para todos, haja vista que era desígnio dos deuses.

**Enéias e Anquises**, ajudando-se mutuamente durante viagem para conseguir chegar até a futura cidade de Roma, Enéias ainda estava indeciso, sem saber se ficava para defender o seu povo do ataque dos gregos, por mais que Heitor o tenha exortado para sair da cidade, Enéias ainda pensava em ficar e lutar com garra e piedade pelo seu povo. Entretanto Vênus (Afrodite – deusa do amor) sua mãe pediu que ele partisse imediatamente com sua família; advertindo-o “– Pense e seu pai Anquises, em sua esposa e em seu filho de tenra idade! Fuja, Enéias! Eu o acompanharei até chegar em segurança ao lar.” (TÁTI, 1998, p. 18).

Nesse sentido, a advertência de Vênus, fez com que Enéias aceitasse a advertência, saindo apressadamente pelos escombros e organiza tudo e partir da Tróia totalmente incendiada.

Anquises percebeu que os soldados gregos haviam avistado os troianos, e com isso ele gritou para que o filho fuja imediatamente dali, Eneias correu com seu pai nas costas e seu filho do lado, a sua esposa Creusa acabou ficando para trás, pois uma lavareda de fogo a atingiu, e Enéias pensou em voltar, mas surge uma voz que diz o seguinte:

– Por que se aflige tanto? – perguntou-lhe a visão – precisamos curvar-nos à vontade dos deuses. Longa viagem e árdua empresa o esperam, até alcançar a terra da Hespéria, onde o rio Tibre serpenteia por campos férteis e admiráveis. Você terá um próspero futuro e desposará outra mulher de estirpe real. Não derrame lágrimas por Creusa, pois foi Júpiter quem nos separou. Adeus, e cuide com amor de Ascânio, nosso filho. (TÁTI, 1998, p. 20)

Essa voz que surge e aconselha Enéias é a sua esposa Creusa, revela aquilo que realmente acontecerá, porque esse é o seu destino, partir sem olhar para trás, deixar tudo e olhar apenas para frente, para um novo caminho e um novo horizonte.

**A partida**, é o momento em que os gregos deixam Tróia completamente em escombros fumegantes, quando partem, levam consigo grande número de prisioneiros troianos. Outros conseguiram escapar com Enéias, se escondendo nas montanhas, após os gregos partirem da cidade destruída e assim seguiram para um novo rumo, uma nova vida a fim de fundarem uma nova nação. E pouco tempo depois, os troianos chegam à Trácia, que mantivera relações amistosas com Tróia no passado, e ser a princípio uma terra segura, imaginando que ali seria a terra para fundar a nova nação. Mas logo após ele lançar “[...] os alicerces das muralhas da nova cidade, a que pretendia dar o nome de Enéada.” (TÁTI, 1998, p. 21), nessa escavação para fazer o alicerce da nova Tróia, fez Enéias encontrar “[...] o corpo de Polidoro, filho de Príamo, que anos antes fora enviado pelo pai ao rei da Trácia com grande parte do ouro do palácio, a fim de que este tesouro não caísse nas mãos dos gregos, no caso de uma derrota troiana.” (p. 22). Desse modo, Enéias e seu povo ficaram desgostosos com o que viram e desistiram de transformar a Trácia na nova Tróia, sua nova pátria. Após essa descoberta, realizaram os ritos fúnebres e deram uma sepultura digna a Polidoro, e em seguida retornam aos navios para seguirem viagem em alto mar.

Depois desses eventos, após passar alguns dias navegando, Enéias e seus companheiros desembarcam na ilha de Delos, governada por Ânio, sacerdote de Apolo, que era o deus venerado pelos troianos. E assim, Enéias dirige-se ao templo de Apolo, logo após fazer uma oferenda ao deus, para a seguinte invocação: “– Ó Apolo, amigo de Tróia, mostre-nos um lugar onde possamos fundar uma cidade bem protegida e iniciar uma nova nação!” (TÁTI, 1998, p. 22). E mal acabara de professar as suas falas ao deus Apolo, surge com uma voz enfática no

templo, advertindo: “– Filhos de Tróia, prossigam a jornada e procurem a terra de onde saíram seus antepassados. Lá serão bem recebidos e encontrarão um novo lar. A casa de Enéias crescerá e haverá de prosperar até o dominar o mundo.” (p. 22). Então depois desse presságio, Enéias parte com seu povo em busca de uma nova nação na qual eles possam finalmente cumprirem o seu destino.

**A viagem de Enéias** inicia-se novamente, em alto mar, depois de partir da antiga cidade na qual sua família e os troianos tinham ancestrais em comum, mas devido ser a terra na qual estava enterrado o filho de Príamo, Polidoro, e em respeito ao troiano e seu filho, Enéias decidiu seguir em busca da pátria segura para sua família e seu povo. E nessa viagem “chegou ali aos ouvidos de Enéias a estranha notícia de que, numa cidade próxima, reinava um rei troiano, Heleno, filho de Príamo e marido de Andrômoca, viúva do valoroso Heitor.” (TÁTI, 1998, p. 27), e diante disso, Enéias resolveu seguir e chegando lá encontra-se com Andrômoca num bosque, que ficava próximo de um pequeno rio. Ela estava ali celebrando os ritos fúnebres em memória de Heitor. Ela assusta-se, imaginando que era a alma de Enéias, pensando que ele não havia escapado de Tróia destruída pelos gregos.

Meio confusa, Andrômoca relata os últimos eventos “[...] contando suas aventuras após a destruição de Tróia [...]” (TÁTI, 1998, p. 228), para Enéias, quando de repente chegou Heleno que o acolhe cordialmente e o convida para ficar no seu palácio por algum tempo. Após alguns dias na companhia de Andrômoca e Heleno, Enéias resolveu partir dali, visto que ali não era o seu destino final e que ainda faltaria muito para chegar até a nova Tróia. Antes da partida de Enéias e os sobreviventes troianos

Heleno e Andrômoca ofereceram a Enéias e seus companheiros riquíssimos presentes, ouro e marfim, armas e muitos outros objetos, inclusive uma reluzente couraça de malha e um capacete com penacho, que pertenceram a Pirro. Presentearam-nos ainda com algumas cavalos e apetrechos para os navios e distribuíram armas entre homens (TÁTI, 1998, p. 29).

Tão logo receberem os objetos valiosos seguem viagem sob a proteção dos deuses contra qualquer tipo de circunstâncias adversas que serão enfrentadas durante a longa viagem que resta. Mas antes da sua partida eles são avistados por um soldado grego de Ítaca, fato que impeliu Enéias e os companheiros partirem céleres do palácio de Heleno e Andrômoca.

**O naufrágio** dos navios troianos. Quando os troianos chegam à Drépano, Anquises morre, é sepultado e os navios são reabastecidos para seguirem em frente. Enéias e os companheiros avistam a costa da Sicília, entretanto Juno, que é contrária aos troianos, envia ventos e um forte temporal imenso, fazendo com que eles percam de vista a Sicília, e além disso

provoca um naufrágio, por isso “alguns navios troianos, entre os quais o barco de Enéias, impelidos pela tormenta, tinham derivado para o litoral da África.” (TÁTI, 1998, p. 34), assim esse infortúnio leva Enéias e os troianos a Cartago, cidade da África do Sul que tinha como rainha Dido. Dessa forma, na obra original, a narrativa começa com Enéias narrando todas essas aventuras para a rainha Dido, diferentemente da adaptação, como mencionado anteriormente, que se inicia com o ataque dos gregos aos troianos.

Vale ressaltar que os deuses agiam de modo que ora os troianos eram auxiliados, ora eram prejudicados, por isso Enéias e os troianos buscam estabelecer diálogo com os habitantes de Cartago, pois não sabiam qual era a vontade deuses naquele momento. Entretanto, a deusa Vênus surge disfarçada de caçadora para tentar ajudá-los, então ela descreve as características da rainha Dido, a quem o troiano deve pedir ajuda. A partir desse auxílio, Enéias e os troianos encontram a rainha pedem a sua ajuda para que fiquem em seu reino.

A rainha se sensibiliza com a situação e permite que permaneçam em Cartago, logo depois do acolhimento pede para que Enéias conte tudo o que aconteceu até aquele momento. Então ele comovido, começa narrar o que aconteceu: “– Não seria possível contar-lhe tudo, ainda que me dispusesse a falar até o pôr do sol.” (TÁTI, 1998, p. 36), e logo em seguida Enéias continua afirmando que ele e os companheiros são da Tróia destruída pelos gregos e o seu nome é Enéias e que é sua raça são dos descendentes do próprio Júpiter e completa dizendo: “Estava a caminho da Itália, quando uma tempestade dispersou nossas vinte naus, de que só me restam sete.” (p. 36).

Os troianos passam longo tempo em Cartago, fazendo com que Enéias esqueça de fundar a nova Troia. Nesse ínterim, a rainha Dido e Enéias apaixonam-se e por isso “esse ócio desagradou a Júpiter que, por intermédio de Mercúrio, enviou uma mensagem a Enéias, exortando-o a partir imediatamente e cumprir a gloriosa tarefa que lhe fora destinada.” (TÁTI, 1998, p. 40), tendo em vista que o destino do herói troiano era justamente chegar à Hespéria e fundar a nova cidade de Tróia, ou seja, a nova e futura cidade de Roma.

Ele não teve coragem de falar para Dido sobre o seu real destino e o que os deuses haviam ordenado que ele partisse imediatamente de Cartago, então, parte na calada da noite sem que a rainha soubesse, por isso ao descobrir a partida, suicida-se. “Desesperada, fez erguer uma grande pira de achas de pinho, no fundo do palácio, sobre a qual depositou uma espada que Enéias esquecerá de levar, uma túnica do chefe troiano e outros objetos de seu uso pessoal” (p. 41), após todo esse desespero da rainha Dido sobe “[...] ao alto da pira e, depois do pôr fogo à madeira, pegou a espada e cravou-a no peito” (p. 41) tirando assim a sua própria vida.

**Os jogos** fúnebres são realizados com o objetivo de celebrar a morte de Anquises, pai de Enéias. Esses jogos são um ritual que está presente na vida dos troianos, por isso planeja celebrá-los quando retornar à Sicília onde seu pai está sepultado. Enéias e os troianos enfrentaram grandes obstáculos para prosseguir e realizar os jogos, isso porque “uma grande serpente irisada do túmulo, deslizou para o altar e bebeu o vinho e o leite.” (TÁTI, 1998, p. 44).

Enéias sem saber o que fazer, fez uma nova oferenda, só que desta vez de duas ovelhas, dois leitões e dois novilhos para sacrifícios no altar e assim celebrar os jogos em homenagem a seu pai. E após o tempo melhorar, os troianos promoveram uma série de jogos. Terminados os jogos, o rei Acestes, que não tinha mais nenhum alvo a atingir, disparou uma seta no ar, justamente para demonstrar a sua força. E aconteceu algo muito estranho, a flecha subiu cada vez mais e no fim incendiou-se, esse prodígio para Enéias configurou-se como um aviso do deus Júpiter “[...] e que fora um bom sinal ao começo da viagem, talvez fosse agora um indício de que o término da longa peregrinação se aproximava.” (p. 49).

Depois desse prodígio, acontece o **incêndio dos navios troianos**, provocado pela deusa Juno, que após “alguns troianos, cansados da interminável jornada em busca de uma pátria, nutriam o desejo de permanecer para sempre na terra hospitaleira da Sicília.” (TÁTI, 1998, p. 51), e essa ideia agradava muito as mulheres. No entanto, à deusa Juno não agradava a situação, então mandou a sua auxiliar a deusa Íris vestir-se de roupas teucas e mandou que ela se juntasse às mulheres troianas, para que as convencessem e buscassem uma maneira de sair daquele lugar. A mensageira de Juno conseguiu convencer as mulheres, para que fossem até os navios troianos e ateassem fogo e assim cessassem as longas viagens em alto mar, porque já havia se passado sete anos de jornada, desde que saíram de Tróia destruída até a Sicília.

Quem notou a fumaça dos navios foi Ascânio, filho de Enéias, que após ver a fumaça, montou em um cavalo e foi até lá, e não gostou do que presenciou. Logo em seguida, chegaram Enéias e outros troianos que também ficaram estupefatos com as suas naus em chamas. “Enéias rasgou suas vestes e exclamou, em desespero: – Poderoso Júpiter, se merecemos seu apreço, salve os nossos navios! Se, porém, devido aos nossos erros, incorremos em sua cólera, lance sobre mim o seu raio, mas poupe meu povo!” (TÁTI, 1998, p. 52). E logo após Enéias clama a Júpiter, logo surge um grande temporal com relâmpagos e trovões, apagando o incêndio.

Quatro navios ficaram totalmente destruídos, deixando Enéias muito abalado e preocupado com a situação, por isso decide consultar um sacerdote chamado Nantes, famoso pela sabedoria para orientá-lo. Depois disso, Enéias vai até Cumas para se encontrar com a Sibila pedindo-lhe que o levasse até o mundo dos mortos para falar com seu pai Anquises, visto que não tinha mais forças para prosseguir e cumprir a missão de ser o continuador da raça

troiana. Anquises, não apenas confirma o destino do filho, como também lhe mostra o futuro glorioso de seus descendentes que governarão Roma. Após a confirmação de sua missão, regressa imediatamente ao mundo dos vivos para prosseguir a sua viagem para finalmente cumprir a sua missão.

Chegando finalmente a **Itália**, Enéias conhece o rei Latino, filho de Fauno, que era descendente de Saturno. Latino não tinha filhos varões, mas apenas uma filha chamada Lavínia, pela qual Enéias se encanta profundamente. Lavínia que já estava comprometida com Turno, esse se sente muito incomodado com a chegada do troiano, logo em seguida começam as diferenças entre Enéias e Turno pela disputa de Lavínia.

Juno é a eterna inimiga do povo troiano que vendo Enéias e os seus soldados chegarem ao solo Italiano, busca maneiras de impedir que o troiano funde uma nova Troia, lamenta que os eventos desfavoráveis aos troianos não foram suficientes para impedir que chegassem àquelas terras e por isso se diz vencida por Enéias, e certamente por vontade dos deuses os troianos conseguiram escapar do incêndio de Tróia e do naufrágio dos navios, superando assim tantos obstáculos durante a longa viagem. Entretanto, não desiste e procura a ajuda das profundezas do inferno, onde vive a mais odiosa das fúrias, a detestável Alecto, que gostava de semear discórdia, instigar traições e provocar guerras. E foi dessa forma que ela provoca o conflito entre Turno e Enéias.

Com Turno programando uma guerra contra Enéias, ele se vê sem forças para enfrentá-lo juntamente com os seus soldados, e com isso Enéias pede a ajuda do **rei Evandro**. Eneias, certa noite, quando refletia sobre quais medidas deveria tomar em relação a Turno e seus soldados, adormece e vê em sonho o deus do rio, o próprio Tibre, que lhe diz:

– Não receie a guerra, pois, segundo a vontade dos deuses, acabará levando a bom termo seus propósitos. Faça uma aliança levando a bom termo seus propósitos. Faça uma aliança com o rei Evandro, que veio da Arcádia e construiu a cidade de Palantéia. Ele e seus súditos estão sempre em guerra com a nação latina. Encontrará Palantéia, acompanhando o curso do rio. Levante-se e preste culto aos deuses, sobretudo a Juno, para que a deusa, esquecendo seu ódio aos troianos, cesse suas constantes intrigas. (TÁTI, 1998, p. 63).

Depois desse sonho, Enéias acorda e faz o que Tibre o aconselhou, escolheu alguns homens e se dirigiu até a Palantéia onde falou com o rei Evandro, pedindo-lhe que firmasse uma aliança com os troianos e assim derrotar Turno e assim foi celebrado o acordo.

Quando Turno descobre a ausência de Enéias no acampamento da foz do Rio Tibre, isso porque Enéias já estava na Palantéia a procura de aliados para enfrentar o inimigo,

imediatamente Turno ordena os seus soldados que vão até o acampamento dos troianos para derrotá-los, entretanto os troianos percebem os movimentos dos soldados de Turno e obedecendo às ordens de Enéias evitam o combate em campo aberto. E nesses confrontos **Niso e Euríalo** tentam sair do acampamento, sem que os latinos percebam, eles queriam avisar a Enéias do cerco latino contra os troianos, entretanto não tiveram êxito. Os latinos avistam os dois soldados fugindo do acampamento para avisar Enéias sobre o cerco, os dois são atacados Euríalo e Niso morrem, aquele para o defender o seu amigo tenta enfrentar os inimigos, mas tomba sem vida e este não demora muito para se juntar a Euríalo no mundo dos mortos.

**A batalha do acampamento** começou cedo no dia seguinte, o dia mal clareou e a batalha começou. “Os latinos espetaram as cabeças de Niso e Euríalo na ponta de duas lanças e as exibiram triunfantes, atentamente os observavam.” (TÁTI, 1998, p. 75). A notícia se espalhou rapidamente por todo o acampamento, causando dor e tristeza aos troianos. A batalha foi difícil, visto que as tropas latinas, a princípio, tentaram tomar o acampamento por meio de um tipo de ataque, muito conhecido por “tartaruga”, por lembrar da resistência e carapaça grossa desse animal. Um segundo e novo ataque às muralhas foi tentado, depois de um tempo, por meio de altas escadas, mas os troianos não permitiam, arremessavam paus e pedras contra os afoitos que se aventuravam a subir nas escadas.

Houve muitos ataques aos troianos, por parte dos latinos, entretanto ataques também eram mais intensos da parte dos troianos, pois estavam preparados, entretanto os latinos não tinham piedade e atacavam assim mesmo. Quando Turno percebe o que está acontecendo com o acampamento dos troianos, ele foi até o “[...] acampamento e matou Bítias, ferindo-o com sua lança provida de comprida ponta de ferro.” (p. 78), deixando, assim, os troianos consternados e muito abalados, pois Bítias era um de seus mais fortes e valentes guerreiros.

Enéias ficou sabendo o que estava acontecendo no acampamento da foz do Tibre, mas ignorou, pois, tinha que conseguir uma aliança militar com Tarcão, chefe do exército etrusco, que tinha sido indicado e aconselhado pelo velho rei Evandro a fazer aliança com os troianos. Depois disso, Enéias revelou a sua verdadeira identidade, sua origem e seus propósitos na Itália, e imediatamente Tarcão reuniu todo o seu exército para ajudá-lo nessa disputa. Depois dessa aliança, Enéias e todo o exército do rei Evandro chefiado por Tarcão, prepararam todos os navios para partir em direção ao acampamento no rio Tibre. Foram exatamente “trinta navios seguiam a nau capitânia, carregando as tropas etruscas e outros soldados do norte da Itália.” (TÁTI, 1998, p. 81); Enéias foi favorecido pelos ventos, que fez com que os seus navios navegassem rapidamente até o acampamento.

Os navios chegaram muito rapidamente após cortarem velozmente as águas, chegando à foz do rio Tibre ao romperem da aurora. E **a volta de Enéias** se dá justamente com a ajuda dos deuses, do rei Evandro e do exército comandado por Tarcão. Quando Enéias põe os pés no Tibre, se depara com os ferozes combates latinos contra os troianos que se lançam à luta para defender o seu povo, e começou por matar Terone, “[...] o mais alto dos soldados do exército de Turno, atravessando-lhe com a espada a cota de malha.” (TÁTI, 1998, p. 82-83). A luta continua intensa e depois Enéias ficou sabendo que Palas, seu soldado, tinha morrido e que os demais tinham perdido o ânimo combativo. Ele matou muitos inimigos, sem demonstrar compaixão ou piedade pelo inimigo, mesmo quando lhe pediam clemência. A deusa Juno já tinha certeza que quando Enéias se deparasse face a face com Turno, sairia vitorioso, e certamente o mataria.

Enéias presta tributo a Marte, o deus da guerra, com o intuito de obter **o conselho** para alcançar a vitória nas batalhas sem fim contra o exército de Turno. No mesmo dia, foi realizado o enterro dos mortos e celebradas as honras fúnebres a Palas ou Palante (filho de Evandro que lutou ao lado de Enéias e foi morto por Turno), onde o corpo do príncipe estava repousado em uma tenda, sendo velado pelas mulheres troianas e pelo velho Acetes, antigo escudeiro do rei Evandro. Passaram-se muitos dias até que os troianos e latinos encontrassem nas matas os corpos de seus soldados. E com isso veio mais tarde mensagens do rei Latino, de fundar uma nova nação para o seu povo e ter paz, mas latino não impediu que Turno fizesse o pior com eles, e com isso Enéias confronta Latino perguntando porque Turno não faz um combate singular com ele, sem derramar mais sangue inocente.

**A morte de Camila** que é aliada de Turno e vem depois de tentar enfrentar os etruscos e troianos na batalha com os latinos. Camila pede para que Turno não deixe a cidade e que se encarregue pessoalmente da defesa das muralhas, para que os troianos e etruscos não entrem no seu reino. “Camila era filha de Mátabo, um rei tão cruel e déspota que acaba expulso do reino pelos súditos. Ao deixar a cidade, para fugir à ira do povo, levou consigo a filha de tenra idade.” (TÁTI, 1998, p. 94). Então ela se depara com Turno e fica do seu lado para cuidar da sua filha pequena. Camila acaba sendo morta por Arunte, famoso arqueiro que a observava e em um momento de descuido dela, acerta-lhe uma flecha no peito, que tentou tirá-la, mas não consegue e logo morre.

Após a morte de Camila, que era como uma irmã para Turno, e durante a noite veio **o tratado** para tentar matar Enéias, esse tratado consistia em Turno enfrentar Enéias em um combate singular. Turno tentava entrar em um acordo com o rei Latino, mas Turno queria o combate para derrotar Enéias. Latino amava o jovem príncipe e de bom grado o teria aceito

como genro, se caso os deuses não tivessem proibido. Para Latino, o certo seria Turno regressar ao seu reino e desistir definitivamente de Lavínia. A rainha Amata, esposa de Latino, também o temia o confronto porque talvez os deuses protegeriam Enéias, visto que ele era o escolhido para fundar a nova pátria para o seu povo, mas Turno não escutou e decidiu pelo combate singular com Enéias e estava convicto de que sairia vencedor. Enéias fez juramento no altar:

– Se Turno vencer, os troianos irão para a cidade do rei Evandro e nunca mais perturbarão a tranquilidade do reino latino. Se eu, porém, for o vencedor, prometo que os latinos continuarão livres e que seu rei conservará a coroa. Meus homens construirão uma nova cidade que se chamará Lavínia e as duas nações viverão para sempre em paz e harmonia. (TÁTI, 1998, p. 98-99).

O rei Latino ficou muito emocionado com o juramento que Enéias fez, estendendo os braços para o céu, jurando por todos os deuses que jamais violaria o pacto que ali firmasse entre os seus povos. Juno não aprovava desse acordo de Enéias com o rei Latino e, com isso buscou um meio de provocar a violação do tratado, chamando a ninfa Juturna, irmã de Turno para pôr fim ao acordo. E diante disso, Enéias acaba se ferindo com um flechada no meio do confronto dos troianos com os latinos, ferindo-se na perna, mas foi amparado pelos seus soldados e retirado do campo de batalha, em seguida foi curado por intervenção dos deuses.

**A morte de Turno** vem na dura disputa com Enéias, ele já tinha sido aconselhado pelo rei Latino e sua esposa a não lutar contra o troiano, pois os deuses estavam do lado dele. Mas Turno queria demonstrar a todos que ele era tão forte quanto Enéias. Mas antes da sua morte chegar, Turno acaba ferindo Enéias o qual se ausenta da batalha e Turno passa a lutar com redobrada fúria, matando todos os troianos que o enfrenta. Acates e Ascânio levam Enéias para o acampamento, após a sorte está do lado dos latinos, para que Enéias possa se recuperar do ferimento e volte com força total para derrotar Turno.

Com as suas forças de volta, Enéias parte para a batalha com Turno, deixando todos os soldados troianos animados para deter os latinos. Mas Enéias só queria matar um, que era Turno, ele vai a sua procura para encontrá-lo e ficar cara a cara para um combate singular. Quando Enéias finalmente o encontra, consegue deixar Turno desarmado, sem a sua espada, isso porque Enéias a quebra no meio com seu escudo, revidando um dos golpes de Turno. “Ao ver-se desarmado, Turno virou-se e tratou de fugir. Pediu aos soldados latinos que lhe jogassem outra espada, mas Enéias, perseguindo-o, embora um tanto tolhido pelo ferimento na coxa, ameaçou arrasar toda a cidade se alguém ajudasse Turno.” (TÁTI, 1998, p. 104 a 105). Quando Enéias finalmente consegue derrubar Turno, ele pede para que o pio Enéias tenha piedade dele, dizendo que Enéias já o venceu e que poupe a sua vida, mas Enéias tem a sua bravura e

dignidade, que será matar Turno, para ter o seu verdadeiro sossego. Enéias lança o primeiro arremesso fatal contra Turno, sem êxito e pensava poupar-lhe a vida, mas lembrou do jovem Palas, ao ver o seu cinto com Turno, por isso Enéias não hesita e decide vingar a morte do filho de Evandro, “E, sem mais hesitação, cravou a lança no peito de Turno que, com um gemido, expirou.” (p. 107).

A partir dessa síntese da adaptação da Eneida, percebemos que isso favorece a proposta de uma sequência básica que possibilita despertar o interesse dos alunos para a leitura das obras clássicas, como veremos a seguir.

#### 4.2 OS FUNDAMENTOS DA SEQUÊNCIA BÁSICA DE RILDO COSSON

A sistematização da sequência básica está fundamentada nos aportes teóricos de Cosson (2021), por meio de seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2021). Para tanto, a sequência básica organiza-se em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Nesse sentido, evidenciamos que as atividades propostas na próxima seção são sugestões para que, professores atuantes e/ou em formação possam aplicar e adaptar a leitura de textos literários clássicos na sala de aula. Nesse sentido, a primeira etapa, a *motivação*, trata da importância de reconhecer o processo da leitura com auxílio de atividades de saber e prazer, de modo a levar o leitor e/ou aluno a refletir, sentir-se capaz e motivado, bem como ter mais êxito para a realização e reflexão de uma determinada leitura. Dessa forma, Cosson (2021) destaque que,

[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo da leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação (COSSON, p. 54, 2021).

Por conseguinte, a segunda etapa está relacionada a *introdução*, que diz respeito à apresentação do autor e da obra. Cosson (2021) alerta que essa etapa não deve se estender muito para que os alunos não fiquem desmotivados, logo é interessante que o docente conduza a aula com debates, abordando aspectos do texto literário que provoquem a atenção, curiosidade e conhecimentos prévios dos educandos. Dessa forma, nesse segundo momento, o interlocutor

precisa despertar a intenção do locutor de forma atrativa, e que além da motivação, seja dada a largada com a introdução.

A etapa da *leitura* corresponde à leitura propriamente dita, desse modo é importante que o docente explique para os estudantes o motivo de ter sido escolhida determinada obra, bem como crie um cronograma de leituras, de modo a acompanhar o processo de leitura e ritmo dos educandos. Ademais, no caso de a obra ser extensa, o docente pode dividir o processo de leitura por meio de intervalos, nos quais os estudantes poderão compartilhar as suas experiências de leitura com os colegas. O autor ainda enfatiza que:

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade (COSSON, p. 64, 2021).

A quarta etapa é definida de *interpretação*, a qual Cosson divide em dois momentos: que são um interior e outro exterior; o interior seria aquele momento mais pessoal, que ele define como: “O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura” (COSSON, p. 65, 2021). Já o momento externo é quando aquele momento deixa de ser individual e passa a ser coletivo. Esse momento ocorre quando os alunos passam a compartilhar uns com os outros as suas experiências vivenciadas ao longo da produção.

Por último, cabe destacar que para fins formativos a avaliação da Sequência básica deve considerar a participação e interesse de cada educando, além disso todas as atividades e produções desenvolvidas poderão ter utilizadas.

Assim, em consonância com a proposta defendida por Cosson, a BNCC destaca que a “literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir.” (BRASIL, 2017, p. 449). Diante disso, a literatura tem um papel fundamental na vida do leitor e/ou estudante, pois possibilita que estes ampliem e desenvolvam múltiplas interpretações e modos diferentes de enxergar o mundo.

Assim sendo, na próxima seção apresentaremos uma proposta de Sequência básica sobre o mito de Enéias, da Eneida de Virgílio destinada 2º ano do Ensino Médio.

### 4.3 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA BÁSICA COM A OBRA ENEIDA DE VIRGÍLIO: LENDO LITERATURA CLÁSSICA EM SALA DE AULA

Na proposta da sequência básica, apresentamos inicialmente a delimitação da Sequência básica e em seguida as etapas da proposta.

**Quadro 1** - Delimitação da Sequência básica

Área	Linguagens e códigos
Disciplina	Língua Portuguesa
Público-Alvo	2º ano do Ensino Médio
Conteúdo	Mitos clássicos com a epopeia virgiliana, por meio de uma adaptação do autor Miécio Táti da Eneida de Virgílio.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Mostrar a importância de se trabalhar e estudar o gênero literário mitologia, através do gênero épico;</li> <li>✓ Proporcionar aos alunos momentos de leituras com a obra, bem como com a interpretação e compreensão dos poemas épicos;</li> <li>✓ Discutir sobre a importância do mito para a construção da narrativa;</li> <li>✓ Fazer uma reflexão sobre a figura do herói épico com base na personagem Enéias.</li> </ul>
Práticas de linguagem:	Leitura e análise de textos literários.
Habilidades da BNCC a serem alcançadas	(EM13LP14), (EM13LP15), (EM13LP45), (EM13LP52) e (EM13LP53).
Tempo estimado	13h/aulas.

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

## Quadro 2 - 1º Momento: Motivação

### MOTIVAÇÃO (2 AULAS)

Nesta primeira etapa, para introduzir os discentes em relação ao texto que será lido posteriormente, o professor pode suscitar um debate sobre os mitos, a fim de apresentar aos estudantes como esse tema é abordado na literatura, sua existência e importância. Para tanto, o docente deve expor o vídeo *Deuses Gregos*.

Disponível em: <https://youtu.be/K6zaPDNAhqM><sup>2</sup>

Por conseguinte, como forma de instigar os conhecimentos prévios da turma, podem ser feitos os seguintes questionamentos:

- Para vocês o que são os mitos?
- Já leram ou conhecem algum mito grego?
- Quais dos deuses gregos apresentados no vídeo vocês conhecem?
- Embora a mitologia Grega tenha sido edificada há muitos anos, vocês acham que os mitos são narrativas atemporais, ou seja, que dialogam com a nossa sociedade atual? Por quê?
- Vocês sabem o que são as Epopeias?
- Para vocês qual o significado do termo héroi?
- Conhecem o mito de Enéias da obra *Eneida* de Virgílio?

Desse modo, após o debate o professor pode passar alguns *slides* explanando o que são as mitologias, especialmente gregas e romanas, evidenciando as suas diversidades, bem como as suas contribuições para a cultura ocidental e para sociedade contemporânea. Dessarte, destacamos que trabalhar a literatura clássica greco-romana é uma ótima oportunidade para se desenvolver a interdisciplinaridade na sala de aula, logo pode ser convidado o docente de história para ministrar uma roda de conversa sobre a mitologia grega.

Ademais, neste momento é importante que o docente explique que ao longo das aulas será lido e discutido uma adaptação da obra *Eneida* de Virgílio

Como encaminhamento para a próxima etapa, o professor deve solicitar aos discentes que pesquisem em casa sobre o contexto de produção da obra *Eneida* de Virgílio e anotem no caderno as principais informações.

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

<sup>2</sup> MENEZES, Juliana Bezerra; OLIVEIRA, Vanessa. **Deuses Gregos**. 10m39s, 2021. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=K6zaPDNAhqM](https://www.youtube.com/watch?v=K6zaPDNAhqM). Acesso em: 08 ago. 2022.

**Quadro 3 - 2º Momento: Introdução****INTRODUÇÃO (2 AULAS)**

Nesta etapa como forma de instigar o compartilhamento das pesquisas feitas em casa, os estudantes devem se reunir em grupos e debaterem entre si, sobre as pesquisas realizadas. Posteriormente, deve ser produzido cartazes sobre o poeta Virgílio e a sua obra *Eneida*, e em seguida cada grupo deve apresentar para a turma as produções elaboradas. Desse modo, por meio dessa atividade os educandos poderão conhecer e/ou reconhecer o contexto da obra que será lida, como também tornam-se protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, é importante que o professor aprofunde o debate e apresente de forma geral a obra *Eneida* de Virgílio, evidenciando o heroísmo da personagem Enéias e a sua contribuição para a literatura clássica. Tal apresentação pode ser realizada por meio de *slides*.

Cabe destacar ainda que, de forma coletiva, deve ser criado um cronograma de leitura, com metas e prazos a serem cumpridos, esse planejamento funciona como uma maneira de incentivar os estudantes a participarem da leitura.

Diante do exposto, o docente deve disponibilizar a obra que será lida, o acesso pode se dar por meio da biblioteca escolar ou por pdf *via* celular, e se possível é interessante que os discentes tenham contato com a obra física, fazendo uma leitura da capa, orelhas e do primeiro capítulo, assim eles terão um primeiro contato com a obra. Outrossim, o docente pode apresentar as diferenças entre a obra original e a adaptação que será lida. Bem como, mostrar a diferença/espessura das duas obras, sendo a original bem mais extensa e complexa, e a adaptada para o público jovem, bem mais simples e de fácil entendimento.

Por último, o professor deve explicar que na próxima aula ocorrerá de fato a leitura.

**Quadro 4 - 3º Momento: Leitura****LEITURA (5 AULAS)**

Este momento diz respeito à leitura da obra e por se tratar de uma narrativa extensa, recomendamos que os primeiros capítulos sejam lidos em sala, para assim o professor conduzir os discentes, e que estes tenham um contato mais profícuo com a linguagem, temática e personagens. Ademais, o restante da obra deve ser lido em casa, conforme o cronograma que deve ser criado no momento da introdução, com isso destacamos que tal cronograma deve ser construído com base na realidade e ritmo de leitura de cada turma.

Para tanto, sugerimos que a leitura seja dividida em três momentos com intervalos, de modo que os discentes socializem e consolidem a leitura feita em casa.

Logo, os dois primeiros capítulos podem ser lidos de forma coletiva, em sala, e em seguida deve ser feito um intervalo com o objetivo de que os estudantes compartilhem as suas primeiras impressões. Assim, após a leitura dos dois primeiros capítulos o professor deve solicitar que os estudantes registrem no caderno expressões e palavras que mais gostaram ou que tiveram alguma dificuldade, para que através de uma roda de conversa cada estudante compartilhe as suas primeiras impressões do texto literário.

Após os estudantes terem lido em casa o estabelecido no cronograma de leitura, orientamos que seja feito um segundo intervalo, no qual o docente deve solicitar aos educandos que desenhem como eles visualizam a personagem Enéias, e posteriormente expliquem o porquê de ter feito o desenho de tal forma e quais as principais características heroicas que eles enxergam na personagem. Além disso, no momento desse intervalo, é importante que os estudantes deem um feedback do que estão achando da leitura.

Por último, após a realização da leitura deve ser feito outro intervalo, no qual o docente deve distribuir de forma impressa trechos do texto e orientar que os estudantes comentem, nesse momento o docente pode organizar as respostas dos alunos elaborando um mapa mental no quadro. Assim, os três intervalos propostos serão um momento de sintetizar as discussões acerca da obra, bem como, auxiliar, para que o docente acompanhe os alunos em possíveis dificuldades, e que cada capítulo lido seja discutido, a fim de que os alunos se apropriem do texto literário de forma crítica e reflexiva.

**Quadro 5 - 4º Momento: Interpretação**

**INTERPRETAÇÃO (4 AULAS)**

A interpretação divide-se no momento interior e externo. Para o primeiro momento sugerimos que seja feito um círculo de leitura - em sala de aula ou na biblioteca -, a fim de que os discentes compartilhem as suas interpretações da obra, nesse momento é importante que todos participem e que múltiplas leituras sejam colocadas em pauta. Ademais, o professor deve aprofundar as discussões sobre a importância do mito para a construção da narrativa, da figura de Enéias e seu heroísmo, bem como relacionar os mitos com a atualidade, como forma de demonstrar aos alunos a relevância cultural e histórica de tais narrativas.

Dessarte, sugerimos que seja realizada uma dinâmica por meio de entrevistas, pode ser em duplas, os estudantes devem produzir perguntas sobre a narrativa e, posteriormente, de forma oral indagar e questionar o restante dos colegas. Desse modo, os estudantes terão uma visão mais abrangente das interpretações de cada um.

Para a próxima aula, deve ser realizada a concretização e materialização das interpretações feitas, assim para o momento externo é importante que os estudantes se sintam parte de uma comunidade de leitores e percebam que o texto literário permite múltiplas interpretações e leituras. Para tanto, o professor deve solicitar que os educandos elaborem uma resenha crítica da obra e, posteriormente, criem um perfil nas redes sociais para divulgar as produções feitas, o que proporciona a disseminação de conteúdos, relacionado à literatura clássica nas Mídias Digitais, como também pode despertar o interesse de leitura por parte de usuários/leitores. Ademais, o ato de publicar as resenhas em uma rede social se aproxima da realidade dos estudantes e instiga o interesse por ler literatura.

E como culminância pode ser organizada uma feira cultural, a fim de despertar na escola o hábito da literatura clássica. Destacamos, que tal culminância deve ser organizada de acordo com os interesses e a condição de cada sala de aula, no entanto, destacamos algumas sugestões de atividades: recitação das resenhas produzidas, publicação das resenhas no jornal ou na biblioteca da escola, recitação de poemas sobre os mitos, encenação da obra, personificação das personagens da narrativa e exposições de músicas sobre mitologia.

Por fim, destacamos que atividades propostas sobre a leitura literária para um público maior, é uma importante maneira de proporcionar aos discentes o gosto e prazer de literatura, em especial, a literatura clássica.

**Quadro 6 - Avaliação****AVALIAÇÃO**

Em relação à avaliação, esta se dará de forma contínua, levando em consideração a assiduidade dos estudantes, bem como a participação nas atividades orais e escritas. Além disso, será avaliado a integração dos alunos nas atividades em grupo e em todas as produções realizadas ao longo das atividades.

Fonte: Elaborada pelos autores (2022).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou descrever as características do herói épico presente na Literatura Clássica, por meio da obra *Eneida* de Virgílio, mostrando assim o seu real valor, através do modelo do herói homérico que busca o valor da imortalidade, por meio de suas conquistas, deixando assim, todos os seus atos corajosos para a posteridade. Dessa forma, buscar o real ato de heroísmo em nossa sociedade, são distintos da antiguidade, visto que, não há mais a necessidade da realização feitos gloriosos para se alcançar a glória

Com isso, é pertinente estudar e pesquisar uma obra tão significativa em conhecimento, em especial a *Eneida* de Virgílio, que leva o leitor a pensar e repensar sobre protótipos presentes na obra, tornando assim, leitores com pensamentos críticos, filosóficos e sociológicos. Dessa forma, trabalhar e pesquisar os mitos, é de grande valia, pois possibilita uma visão múltipla para os discentes, fazendo com que eles tenham conhecimentos desses mitos, e por isso conhecê-los é fundamental para nossa formação leitora, escolar e social. A Literatura Clássica apresenta valores que são importantes na atualidade, devendo ser considerados no ensino, justamente pela carência de contextualização adequada, fazendo com que os professores de Língua Portuguesa, não trabalhem uma obra tão rica em conhecimento histórico, cultural e social.

Nessa pesquisa, discorreremos sobre a figura do herói presente nas obras de Homero, *Iliada* e *Odisseia*, que Enéias é o herói defensor de sua família e seu povo de qualquer ataque, e que ele é um herói homérico por ter características semelhantes a Aquiles e Odisseu, ambos das obras homéricas. Enéias passa a ter um ponto mais forte, por ser, justamente, pio (herói piedoso) e que sempre coloca a sua empatia a frente de qualquer circunstância. Sendo assim, a figura do herói homérico presente na *Eneida* de Virgílio, tem o seu ponto forte na caracterização de Enéias, tendo em vista que ele está sempre disposto a cumprir a vontade dos deuses.

Com base no exposto, conseguimos chegar até o problema, inicialmente proposto, e resolvê-lo. É de suma importância que a nossa metodologia trabalhada, foi alcançada de forma satisfatória, pois os caminhos e percursos traçados ao longo deste escrito obteve grande êxito, nos permitindo assim, chegar aos objetivos gerais e específicos de forma delineada no princípio da pesquisa, bem como, a bibliografia utilizada no trabalho.

Diante do exposto, foi proposta uma sequência básica para auxiliar futuros docentes que se interessarem por essa temática, levando assim, a utilizar esta obra por meio de uma adaptação, em específica, a de Táci (1998), que consideramos facilitar o entendimento para a leitura e compreensão os discentes. Comprovando assim, que esta obra, por mais que seja

complexa para alunos da educação básica, é possível ser trabalhada de forma simples com os discentes e assim despertem o interesse de buscar outros clássicos.

Portanto, almejamos que este escrito possa contribuir para o ensino de literatura, e que futuros docentes e discentes (em formação) possam usufruir de grandiosas obras clássicas, não somente a *Eneida* de Virgílio, como também as obras de Homero, *Iliada* e *Odisséia*, fazendo com que essas obras sejam reavivadas dentro da literatura, assim como a BNCC (2018) deixa bem claro e explícito que essa literatura seja mais explorada e dinamizada nas escolas, para que os alunos saibam da real importância que elas trazem para a sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ABULAFIA, D. **O grande mar: uma história humana do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base, Ensino Médio. Brasília, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**, Ensino Médio. Brasília, 2018.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARLIER, P. H. **Lisboa: Publicações Europa-América**, 2008.

CARPEAUX, O. M. **História da Literatura Ocidental**. São Paulo: Leya, 2012.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FINLEY, M. I. **O Mundo de Ulisses**. Lisboa: Presença, 1982.

GABBA, E. Homero. In: Crawford, M. (org.). **Fuentes para el Estudio de la Historia Antigua**. Madrid: Taurus, 1986. p. 38-45.

GIARDINA, A. **Il fuoco sacro di Roma: Vesta, Romolo e Enea**. Bari: Laterza, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Trad. de Victor Jabouille – 4. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MARQUES JÚNIOR, M. **Introdução aos Estudos Clássicos**. João Pessoa, 2008.

KERÉNYI, K. **Os Heróis Gregos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

KOTHE, F. **O herói**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.

MAFRA, J. J. **Cultura Clássica grega e latina**. Belo Horizonte: Editora: PUC Minas, 2010.

ROCHA, M. H. **Estudos de história da cultura clássica**: cultura romana, v. III, 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

MUNIZ, S. Z. M. **O sentimento de piedade de Enéias** – herói de Virgílio. Rio de Janeiro: Curriculum, 1972.

OLIVA NETO, J. A. Apresentação e notas. In: OLIVA NETO, J. A.; VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.

ROCHA, E. **O que é mito?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

SUETÔNIO. **Vida do Divino Augusto**. Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Adaptação de Miécio Tati. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

VERGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.